

ACADÊMICO

jornal catarinense de opinião
EM CO-EDIÇÃO COM O DCE DA FURB

ANO VI * Nº 52 * MARÇO/81 - BLUMENAU - SC CR\$ 20,00

Ulysses Guimarães: Plantado na consciência nacional

O Presidente nacional do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães e o líder do partido na Câmara Federal, Deputado Odacyr Klein, ciceroneados por Renato de Mello Vianna e pelo candidato a prefeito, João de Borba Neto, estiveram na FURB — Fundação Educacional da Região de Blumenau, onde, juntamente com outros líderes do partido, entre eles: Jaison Barreto, Djandir Dalpasquale, Pedro Ivo Campos, Juarez Furtado, Alvaro Correa, Nelson Locatelli e Luiz Henrique, Luiz Fernando Poli, também Arlindo Bernart e Paulo Baier, discutiram as metas do PMDB para 82.

A reunião foi breve, aberta pelo prefeito de Blumenau, Renato de Mello Vianna que fez uma saudação rápida onde destacou a importância da mobilização partidária para 1982; em seguida falou o Deputado Odacyr Klein, ressaltando que a oposição deveria oferecer alternativas para os problemas de energia, salários, agricultura, ensino, etc... logo o Presidente Nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, fez o seu discurso, também rápido, mas incisivo, diversas vezes aplaudido... dando um especial destaque a unidade e, principalmente, a maturidade política que atingiu o partido que lidera.

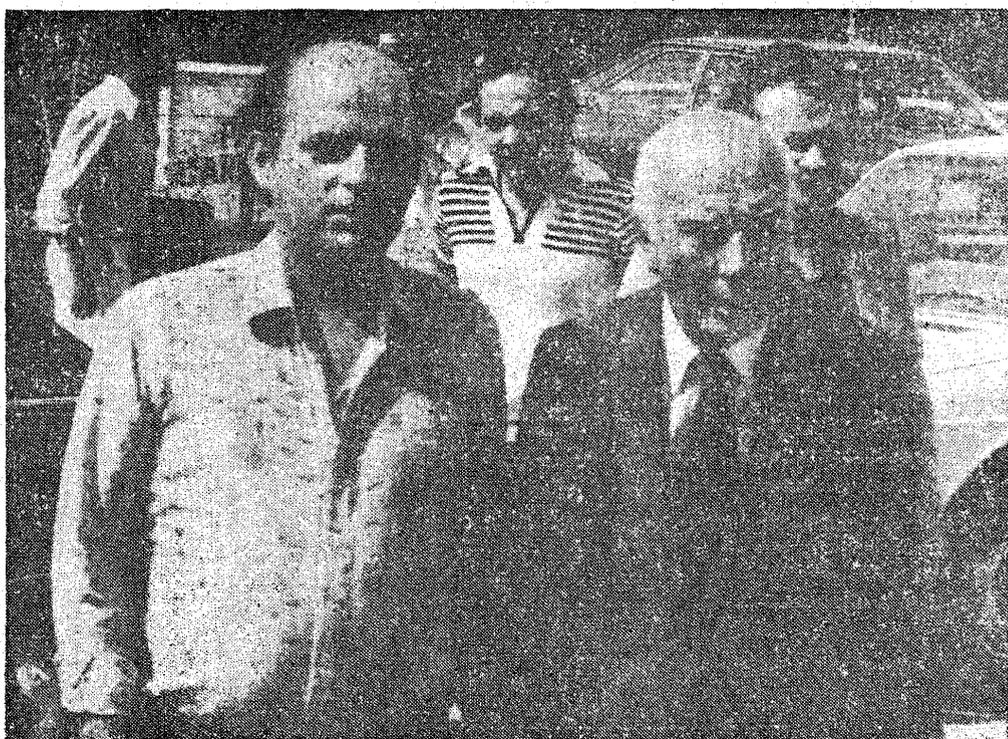
Renato Vianna encerrou a cerimônia agradecendo a presença de todos e ratificando as idéias, o pensamento e o laconismo severo de Ulysses Guimarães... depois, ambos secundados de muitos aplausos partiram (Ulysses tinha outro compromisso em São Paulo) para o aeroporto Quero-Quero.

O encontro, mesmo que rápido, mostrou a capacidade de mobilização do partido... havia gente de todos os lugares (Joinville, Lages, Chapecó, Florianópolis) e todos perfeitamente integrados naquele espírito de integrar o estado de Sta. Catarina com as cores PMDBistas.

Alguns pensamentos de Ulysses Guimarães, manifestados durante sua visita à Blumenau:

1 — "... Nós não devíamos ter abertura, devíamos ter democracia. Se a democracia é um regime que convém ao Brasil, só este regime pode fazer o desenvolvimento do país. E se é um direito da nação, um direito do cidadão, procrastinar é inaceitável. Nós não aceitamos esta dosimetria, este método de ir procurando vencer etapas".

2 — "O PMDB é um partido que tem uma existência de mais



1º plano — o Prefeito de Blumenau, Renato de Mello Vianna com o Presidente Nacional do Partido, Deputado Ulysses Guimarães. 2º plano — João de Borba Neto, postulante à Prefeitura de Blumenau com o líder do PMDB na Câmara Federal, Deputado Odacyr Klein.

de dez anos. É um partido plantado na consciência nacional".

3 — "... Nós temos uma marca partidária: PMDB que todos sabem que é o MDB, conhecido na Fábrica, na Favela... conhecido nos porões".

4 — "... Estamos perplexos e não podemos compreender esta sucessão de atentados. Eles tem sido frequentes e até agora não se apurou nada. Isto é inacreditável. Sabemos que em outros países (lamentavelmente existem atentados), mas como regra, há a apuração, a punição dos responsáveis".

5 — "... Todos os países que tem o pluripartidarismo, têm as coligações".

Entrevista inédita e exclusiva com:

JOÃO ANTÔNIO:

A Profissionalização do Escritor

ACADÊMICO

Empresa Editora Jornal
Acadêmico Ltda.
Rua Amazonas, 1128
Caixa Postal 1124
98.100 - Blumenau - SC
CGC - 83.949397/0001-63
Junta Com. - 42200451 - 40
Registrado no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

*

O jornal ACADÊMICO foi fundado em 1975 (6 de junho), premiado pela Parker Pen do Brasil com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pela Parker aos melhores informativos universitários em todo o território nacional. O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades Brasileiras e mesmo, em algumas Estrangeiras. Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Bolívia, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta Catarina e Brasil

*

Jornal sério que se propõe dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e opiniões, para isso está com as portas abertas.

*

Diretor e editor-responsável
Oldemar Olsen Jr.
Jornalista responsável
Honorato Tomelin

*

Redação
José Endoença Martins
Maria Odete Onório
Roberto Diniz Saut e
Oldemar Olsen Jr.

*

Os conceitos e idéias emitidos em matérias assinadas não expressam, necessariamente, a opinião do Jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da "Fundação Casa Dr. Blumenau - Santa Catarina, V

Cartas

O "PASQUIM" E A ACADEMIA

Há cerca de três horas fui surpreendido com a chegada do Acadêmico. Duplamente surpreendido: primeiro pela volta de um conhecido amigo que há tempos não me visitava; segundo pelo nível do garoto. Olha que está bom! Vocês conseguem a beleza que é fazer um jornal universitário sem aqueles xaropos e loas ao cacique ou, então (não sei se é pior) aquelas brincadeiras inconseqüentes de jovens que os velhos insistem em não tomar a sério.

Do número que chegou nesta quinta-feira, santa, o artigo da Odete é para ser distribuído a toda futura mamãe que luta entre o ter-ser (ter mais um filho e ser mais mulher); o teu artigo (até parece puxação para a família) mostra o mundo que espera o filho de vocês dois; o artigo do Darcy Ribeiro, como sempre, é para se guardar e debater em aulas de pós-graduação.

... Acabo de ser eleito Presidente da Academia Catarinense de Letras... foi uma batalha armada (claro que não houve guerra)... estamos dispostos a fazer com que a Academia seja conhecida pelo Estado, melhor, pelas pessoas que mexem com a cultura...

CELESTINO SACHET —
Presidente da Academia Catarinense de Letras — Ppolis SC.

— o —

DARCY RIBEIRO

Saudações pela volta do Acadêmico. Fazia algum tempo que não botava os olhos nele... tua entrevista com o Darcy Ribeiro é ótima. Aliás, com o Darcy Ribeiro sai sempre algo quente, apesar do rótulo de popularista, que querem colocar nele. Possó repro-

duzir alguns trechos? Lógico, citarei a fonte...

CARLOS JORGE APEL - Editora Movimento — Porto Alegre - RS.

— o —

BELISCANDO

É bom saber de vocês, vivos!

Estou lendo na medida do possível, e vi o nome do Wilson... enfiando os dentes no Bell... eterna briga, aliás, necessária. Tô com o Wilson e só abro prá continuar lutando... ao lado dele!

Li também tua "anárquica" crônica que termina gritando pela macarronada. Reflexo da realidade que sempre teve agarrada em toda gente, em nós. Não li (ainda) a entrevista com o Darcy Ribeiro. Farei isso mais tarde...

Ah, li também o artigo da Odete — acredito que tal artigo da jornalista deve ter beliscado a bunda de muitas senhoras dessa terra...

Mimeografado a álcool, nosso jornalzinho tá saindo, cheinho de poemas.

Quebra mais esse silêncio LUIZ — São Paulo - SP.

— o —

CONCURSO DE CONTOS

Em novembro de 1979 recebi, gentilmente atendido a meu pedido, o regulamento e demais explicações a respeito de um Concurso de Contos. Enviei-lhes, conforme o regulamento, dois contos, sob o pseudônimo de "Ernie Anderson", mas não fiquei sabendo nada a respeito.

Por isso estou-lhes escrevendo, pedindo compreensão, perguntando os resultados do concurso de Contos, o IVº Concurso de Contos. Para maior facilidade, os títulos foram Parto Normal e O Açougueiro, aproveitando a oportunidade, desejo saber se não se interessam em aproveitar poemas e contos de minha autoria e que desejo divulgar. WILMAR

KRUG, Rua Ribeirão Urú, s/n Dona Emmo — Sta. Catarina.

Nota da Redação — O dito Concurso de Contos é promovido pela FURB e coordenado pelo Diretor da Biblioteca da Instituição e, este IVº Concurso sobre o qual você indaga, foi lançado em 1979, os resultados saíram em 1980 e o livro (uma das cláusulas do regulamento, com os premiados) talvez saia em 1981... o cidadão responsável, embora tenha todas as condições e apoio da reitoria trabalha muito devagar... mas ele ganha somente Cr\$ 108.000,00 (cento e oito mil cruzeiros) por mês da FURB para quebrar estes galhos... talvez se ele ganhasse um pouco mais, a coisa saísse...

— o —

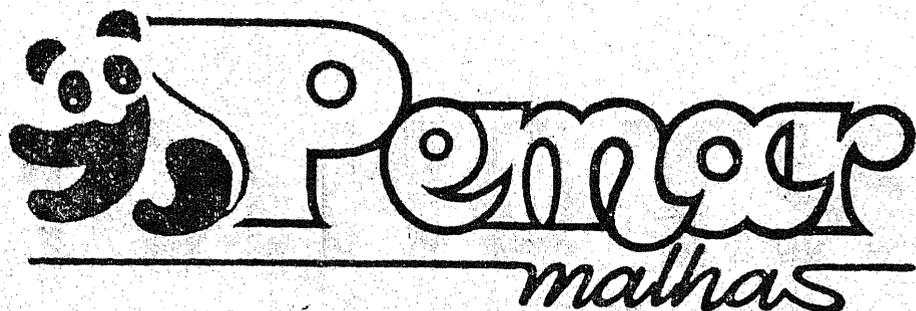
BEM-VINDOS

... Fico contente em saber da volta do Acadêmico e desejo sucesso nesta nova fase. Abraços — CLAUDETE M. MANGARIELO — Editora Alfa-Ômega — São Paulo - SP.

— o —

Nota da Redação

Recebemos e agradecemos ainda as correspondências de: Tênia Lúcia de Resende, bibliotecária da Fundação Mendes (Rio de Janeiro); Emmanuel Carneiro Leão, presidente da TV — Fundação Centro Brasileiro de Tv Educativa (Rio de Janeiro); Jurandir Schmidt (Joinville); Deputado Cunha Bueno, Secretaria de Estado da Cultura (São Paulo); Deputado Wilson Haese Assembléia Legislativa (Espírito Santo); Grupo Poetasia (São Paulo); Osório de Abreu Pereira Pinto, Diretor-Superintendente da Editora Fofrense (Rio de Janeiro); Abinael Moraes Leal (Salvador); Antônio Carlos S. Moreira (Rio de Janeiro); Luiz Sérgio de Viveiros (São Paulo); Luciane Louzeiro (Rio de Janeiro).



CAMISETAS PROMOCIONAIS.

CAMISAS, CAMISETAS, CONJUNTO EM MALHA DE ALGODÃO

Rua General Osório, 950 - C.P. 2088

Fone (0473) 22-4438 - Bairro da Velha - Bl. SC.

COLUNÃO

UM COMPROMISSO MAIOR COM A VERDADE

O GOVERNO VIANNA

Está circulando em Blumenau, uma revista muitíssimo bem organizada pelos jornalistas Newton Janke e Arthur Monteiro referente a Administração Vianna.

A revista mostra suscintamente, por que Blumenau foi considerada este ano a primeira em Turismo e também por que o Governo Vianna está sendo considerado, tanto pelos ortodoxos-conservadores como pelos liberais-progressistas, como o MELHOR DE TODOS OS TEMPOS!

UMA UNIDADE NO PMDB

Procurando liquidar de vez com as especulações em torno de uma pretensa fragmentação na ala dirigente do partido em Blumenau e também, com relação aos eventuais candidatos ao Governo do Estado, elementos ligados ao PMDB promoveram a semana passada um "almoço estratégico" no qual compareceram, além dos vereadores, o Prefeito Renato Vianna e Jaison Barreto... no final, sem delongas e nem falsas modestias ficou acertado que, se for indicado o nome de Renato Vianna para o Governo, Jaison aceita ser o vice e se for homologado o nome de Jaison para Governador, Renato aceita ser o vice... tudo agora depende do Diretório Estadual para a homologação de seus nomes.

CANDIDATO A PREFEITO

João de Borba Neto, Secretário de Finanças da Prefeitura Municipal de Blumenau foi indicado pelo prefeito Renato Vianna, para sucedê-lo naquela casa... e não se fez de rogado... as reuniões se sucedem, semanalmente, em todos os bairros e, enquanto se especula sobre quem seria outro eventual candidato, sua popularidade aumenta consideravelmente a olhos vistos. João de Borba é apontado como o melhor elemento para a sucessão de Vianna, justamente por ter assimilado como ninguém a atual política de abraçar a causa por inteiro, enfrentando todos os problemas com denodo sem, no entanto, perder de vis-

ta o elemento humano... isto deve-se, segundo alguns, a longa convivência com Renato Vianna, mesmo antes de ter o seu mandato na Prefeitura, o que explica tudo.

OUIDO NOS CORREDORES

José Tafner, Reitor da FURB — Fundação Educacional da Região de Blumenau, se mostra céptico quanto a uma provável eleição direta para eleger o seu sucessor.

A velha bandeira volta a ser erguida novamente quando se aproxima o dia da sucessão. Nós levantamos a questão em novembro de 1979 e, quando tomou conhecimento (edição passada do jornal) da vontade de inúmeros universitários, o prefeito Renato Vianna prometeu ouvir os alunos através de um plebiscito e, a TV Coligadas, adiantando-se fez uma enquete com diversos acadêmicos e a resposta foi favorável... a alegação principal é a de que: "se o aluno é a matéria prima, então por que ele é dispensado da escolha é não pode interferir na escolha do dirigente da Fundação em que estuda"...

CONCURSO DE CONTOS UM TESTE DE PACIÊNCIA... E TOLERANCIA

A FURB que sempre primou pela seriedade em suas promoções, está cometendo o maior pecado quando joga em mãos incompetentes a organização de um concurso sério como este. Senão vejamos, o IVº Concurso de Contos foi lançado em 1979 (o Acadêmico Publicou o regulamento no mês de março) entre os prêmios, havia a promessa da publicação dos premiados em livro. O resultado deste Concurso foi dado a público somente no final de 1980 (quase dois anos após o lançamento) caso inédito no país... e agora, estão lançando o Vº Concurso de Contos e as cláusulas do anterior ainda não foram cumpridas... nem com boa vontade dá para acreditar... o responsável deve estar confiando o bigode em algum lugar por aí.

Estágios remunerados

A Associação Internacional de Estudantes de Ciências Econômicas e Comerciais (AIESEC), com sede em Bruxelas, tendo por objetivo ampliar o seu raio de ação, assim como, desenvolver intercâmbio mundial de estágios na área de Administração, Atuárias, Computação, Contabilidade, Economia, Marketing, fará realizar uma reunião em Blumenau, promovida pelo DACEB e DCE com a coordenação da Câmara Júnior de Blumenau, onde serão tratados assuntos refe-

rentes a implantação de um comitê local. A reunião realizou-se no dia 12 passado, às 21:30 horas, na FURB.

Esta Associação existe em 58 países no mundo, tendo convênio com 400 universidades. No Brasil possui comitês locais nas cidades de São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte.

Houve grande interesse por parte dos acadêmicos e, certamente, sairá um comitê da FURB.

Ciclos econômicos

O Diretório Acadêmico de Ciências Econômicas (DACEB), em co-promoção com o Centro Catarinense de Administração de Pessoal (CECAP), estará realizando palestras na área econômica, durante o mês de maio.

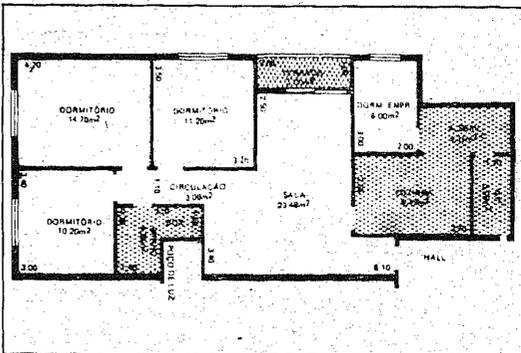
A programação inicia-se dia 12, com uma conferência sobre "Medida da Produtividade e Remuneração Participativa" com o Dr. Kurt Ernst

Weil, Professor decano da Fundação Getúlio Vargas; dia 19, "Salários e Benefícios no Brasil", com o Prof. Rony Bendinelli, Gerente da PRILL - Pesquisas em Relações Industriais.

As palestras destinam-se, em especial, aos alunos dos últimos anos dos Cursos de Administração, Economia, Ciências Contábeis e Processamento de Dados.

APTO. c/ 3 QUARTOS

(AO LADO DA FURB)



Este apartamento você pode

adquirir, com uma entrada a partir de Cr\$ 347.490,00 facilitados e saldo em suaves prestações

EDIFÍCIO GONÇALVES DIAS
Blumenau

PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÕES LTDA.
Rua Amadeu da Luz, 156 - BLUMENAU
Tel. (0473) 22-4400

Educação:

PROFESSOR ALMERINDO BRANCHER

Em recente pronunciamento na Câmara dos Vereadores de Blumenau o vereador Almerindo Brancher (em que se se ou não, sê-lo pelo PDS), realizou um importante pronunciamento sobre a atual crise na educação brasileira.

No plenário, cerca de quarenta estudantes do curso de Direito ouviram e aplaudiram as colocações feitas.

Devido a importância do que foi dito, tomamos na íntegra este texto, como segue:

SENHOR PRESIDENTE!
SENHORES VEREADORES!

Solicito que todos se engajem e hipotéquem total solidariedade ao memorial que nós, vereadores, o DCE, os representantes junto aos órgãos colegiados na FURB, encaminharemos a sua excelência o senhor Ministro da Educação sobre a problemática do custo de ensino nas fundações educacionais e principalmente da FURB. E tentarmos agilizar instrumentos junto ao MEC para que seja diminuída a parcela de contribuição do aluno sem prejuízo para a instituição, ou em outros termos que haja repasse de verbas substanciais por parte do MEC para diminuir os percentuais de pagamento por parte do aluno da FURB. Isto é necessário; Isto é justiça Social.

O problema da educação no Brasil é, em última análise, um problema administrativo. Não evidentemente do ponto de vista conceitual, mas do ponto de vista operacional. Por mais profunda que seja a missão da educação como processo pedagógico ou social, se ela não for adequadamente administrada, sua crise tenderá a agravar-se, no País.

É chegado, segundo eminente sociólogo e educador, é chegado o momento de dizer-se um basta e observa-se e apresentar à Educação vista de um prisma da periferia para o centro, ou de baixo para cima.

Há alguns pressupostos que desejamos colocar como base de nossa exposição:

— É necessário estabelecer com clareza os caminhos seguros por onde convém a educação brasileira adentrar; — Não podemos viver de utopia pela utopia, mas devemos transformá-la em realidade. Temos que atentar sempre para a realidade brasileira.

É necessário que os que, como autoridades, detêm o poder, queiram o processo de mudanças;

— Quando a autoridade não tem visão clara do que quer, como quer, ou não tem capacidade, ou disposição de comandar o processo, é o próprio poder que impede a mudança.

— Não se fazem reformas apenas modificando leis. Fazem-se, sobretudo, com a mudança de comportamentos. Não são as leis que fazem os fatos, mas os fatos é que fazem as leis.

— Só não defende seus direitos quem não os tem ou os ignora. E democrática e socialmente falando o aluno carente, de ensino superior, tem direito à gratuidade, pois nas universidades federais goza deste direito tanto o rico como o pobre;

— Não somos contra a existência das universidades federais, nem contra o ensino gratuito; mas defendemos a tese da justiça social: ou bem gratuitamente para todos quer nas federais quer nas fundações; ou bem gratuidade, só para os que de fato necessitam.

Os recursos destinados às Universidades Federais provêm da participação de todos os brasileiros; mas na hora da divisão para minorar as despesas com o ensino superior, poucos são os contemplados. No nosso entender isto é discriminação.

Não podemos admitir que os estudantes da FURB tenham que arcar com as despesas, e caras, de seu ensino, enquanto nas Universidades Federais todos recebem gratuidade total. Isto é privilégio.

Não estamos defendendo a implantação do ensino pago nas instituições de ensino superior público. Estamos a defender a gratuidade dos alunos de fato carentes das Fundações Educacionais em diversos percentuais e a minimização das anuidades escolares para os demais.

Enfim defendemos a justiça social.

Acho injusto o ensino universitário ser inadequadamente gratuito para uma parte da população e inadequadamente pago para outra parte da população.

— Não discutiremos a qualidade de ensino, nem o envolvimento da variável ensino

gratuito ou ensino pago na qualidade do Ensino.

Por ser assunto altamente polêmico, é necessário pôr, de imediato, que quando se debate o problema da manutenção do Ensino, não se preconiza necessariamente a eliminação do Ensino gratuito. Preconiza-se uma reformulação da política de gratuidade de modo que, através dela, a Nação garanta aos mais pobres, aos necessitados, de acordo com um índice de carência, sem discriminação, o acesso à educação como forma de promover a igualdade de oportunidades.

A gratuidade não é, pois um componente básico do processo educativo em nível superior. É básica, isto sim a oportunidade de acesso ao ensino, a todos, sobretudo aos mais pobres, aos realmente necessitados. Sem privilégios.

Há consenso que a Educação de 1º Grau, dos 7 aos 14 anos, sendo a preparação mínima para o despertar de potencialidades pessoais e de ingresso na sociedade — é universal. Por isto deve ser gratuita sem significar privilégio de qualquer parcela da sociedade. E deve ser gratuita, porquanto se constitui num direito básico de todo ser humano, cuja garantia é a própria razão de ser da Nação.

A alguns o Governo dando o Ensino Superior gratuitamente, dá gratuitamente o instrumento de ganhar a vida. E para os outros Estudantes das Fundações Educacionais particulares?

Eis o que diz a Constituição vigente:

Art. 176 — ...

Parágrafo 1º — O ensino será ministrado nos diferentes graus pelos poderes públicos.

Parágrafo 3º — A legislação de Ensino adotará os seguintes princípios e normas:

I — ...

II — O Ensino primário é obrigatório para todos, dos sete aos 14 anos, e gratuito nos estabelecimentos oficiais.

III — O Ensino público será igualmente gratuito para quantos, no nível médio e no superior, demonstrarem efetivo aproveitamento e provarem falta ou insuficiência de recursos.

Vê-se que a Constituição Brasileira é taxativa ao conceder gratuidade apenas no 1º Grau (7 aos 14 anos) e, ao ensino posterior ao 1º Grau,

apenas aos que, além de aproveitamento, comprovarem insuficiência de recursos. Somos favoráveis à ampliação do ensino gratuito a nível de 2º grau.

Analisando o inciso III, deduz-se que nas Instituições Públicas de nível superior deveriam estudar apenas os de fato carentes de recursos. E para não ser elitizante, mantendo ensino público superior gratuito apenas nas capitais, deveria mantê-lo também no interior, para atender ao princípio de igualdade de oportunidades; ou, como alternativa, pagar o ensino do aluno carente nas Fundações Educacionais particulares.

Pelo exposto neste inciso III, dar-se ensino superior público, gratuito, para todos é inconstitucional, pois o texto diz: para quantos, demonstrarem aproveitamento e provarem falta ou insuficiência de recursos.

Tristemente o que ocorre na realidade: nas fundações educacionais particulares alguns tem acesso ao Crédito Educativo que será depois devolvido. E eu pergunto: será que todos os carentes são atendidos?

Mas nas Universidades Públicas, os alunos carentes ou não, recebem ensino gratuito, sem qualquer reembolso, sem devolução. Enquanto os estudantes das Fundações que recebem cobertura financeira para seu Ensino, ao término de seu curso, tem que começar a devolver. Conventamos, não é a adequada prática do princípio constitucional e da justiça social.

Existe o privilégio da gratuidade mesmo aos não carentes, nas Universidade Públicas, o que constitui ofensa, injustiça aos Estudantes das Fundações Educacionais Particulares, de nível superior.

Também não é razoável dizer-se que o Estado mantém gratuitas as suas Escolas porque essas são suas, enquanto as outras não o são.

Ora, a Constituição Brasileira não se refere a quem sejam os proprietários das Escolas, para estabelecer qual Educação deva ser paga e qual deva ser gratuita. A Constituição se refere ao produto da Escola — a Educação. E esta é do Estado, ou de particulares. Esta, toda ela, independentemente de quem a ministre ou a administre, é sempre pública, no

O problema é nosso

sentido de que é de toda a sociedade.

Querer dar qualquer outra interpretação, que não esta, é, simplificando o problema, forçar os princípios da Lei maior, e da justiça social.

Responsabilizar o Estado pela Educação gratuita a todo se em todos os níveis é desconhecer os princípios constitucionais.

As 18 Fundações Educacionais de Santa Catarina que nasceram em comunidades, foram se desenvolvendo em função de apirações e necessidades das regiões onde estão situadas. Tais fundações lutam pela sua sobrevivência; 95% dos recursos necessários tem que ser próprios, dependendo de anuidades (75%) e o restante da capacidade de recursos da própria instituição.

Alguns afirmam: Por que as Fundações não diminuem o preço das anuidades de seus alunos? Sera ótimo o desejável, não resta dúvida. E onde buscar recursos para manutenção, para a remuneração de seus professores, de seus funcionários?

Pelo princípio da isomia, uma vez que as Fundações Educacionais substituem a União, no Constitucional dever de Educar, cristalinamente também deveriam ter participação na repartição do montante global, repassado pelo MEC para as instituições públicas.

Senhor Presidente, Senhores Vereadores, apresentarei alguns números que falam mais que as palavras. O atual Ministro da Educação, Senhor Ruben Ludwig, afirmou categoricamente que os 122 bilhões, ou seja, 4,8% do orçamento da união, são insuficientes para as necessidades. E na mesma entrevista afirmava que a prioridade é o ensino de primeiro e segundo graus. (1)

E o próprio Ministro considera uma distorção o fato de 60% dos recursos do MEC

irem para as Universidades Federais. Portanto só 40% restam para o ensino de 1º e 2º graus. Isto é doloroso.

Não podemos concordar com esta política quando existem 7 milhões de crianças sem poder estudar pela inexistência de escolas. (2)

O MEC, agindo no nosso Estado, repassará para 1981, para a Instituição Pública de nível superior, extra-oficialmente, 1 bilhão, 509 milhões, 321 mil cruzeiros, para manutenção.

E já estão solicitando 600 milhões de suplementação.

E ultimamente estão a solicitar a fixação de um teto para o preço das refeições nos restaurantes universitários. Querem que as refeições sejam subsidiadas pelo Governo.

A refeição que era de 18 cruzeiros, passou para 36 cruzeiros, e foi uma gritaria geral.

Que tal se as pessoas realmente carentes exigissem a mesma coisa? Outra reivindicação absurda: "Querer que o Governo garanta salário condizente e residência, pelo menos por dois anos, para cada profissional que se firma em nível superior".

Continuaremos com os números. O orçamento citado é para atender 9 mil, novecentos e cinquenta e seis alunos (gratuitamente) recebendo inclusive crédito educativo, como auxílio pensão.

Tal orçamento suporta o compromisso com a remuneração de 1540 professores.

O orçamento (Receita) global das 18 fundações Educacionais de Santa Catarina é de 507 milhões, 758 mil cruzeiros.

A diferença da receita entre a Instituição Pública e as Fundações, é de: 1 milhão, 563 mil a favor da Universidade pública para atender ... 9.956 alunos.

Enquanto as 18 Fundações atendem 20 mil, duzentos e trinta e três alunos nas di-

versas regiões do Estado.

As 18 Fundações tem 1.461 professores para atender ... 20.233 alunos.

Na Instituição Pública de nível superior, o número médio de alunos por professores, é de 7 por professores.

Nas Fundações Educacionais, é de 13 alunos por professor.

Senhor Presidente, Senhores Vereadores, há distorções que, a bem da justiça social, devem ser corrigidas.

Existem os defensores do ensino superior gratuito indiscriminadamente, para todos. Se houvesse possibilidades nós pertenceríamos a este grupo. Seria, no entanto, ignorar a natural carência de recursos públicos num país em desenvolvimento como o nosso. Ensino superior gratuito para todos, indiscriminadamente, não existe, como regra, tal luxo, nos países desenvolvidos.

Se os Estados Unidos, hoje, fossem manter o seu sistema de ensino superior como alguns pretendem manter aqui quebrava o orçamento dos Estados Unidos.

A solicitação de gratuidade indiscriminada seria ignorar os problemas do Pré-Escolar, do 1º grau e do 2º grau.

Para alguns desfraldar esta bandeira, demagogicamente, lhes é fácil. Mas na hora de apontar soluções a terra lhes falta debaixo dos pés.

Seria muito fácil chegar aqui e desfraldarmos a bandeira da Federalização da FURB. É dever elementar da comunidade através de seus líderes propugnar para maior participação nas verbas provenientes do MEC.

Nós homens públicos, devemos acionar e dinamizar mecanismos que possibilitem a justiça social.

Sabe-se que acabar com a gratuidade nas Universidades Federais é comprar uma briga não com os carentes de recursos, mas com os que tem

condições de pagar seu estudo. Quem tem privilégios, luta pela sua manutenção; e em seus manifestos concitam todos a se unirem pela batalha do ensino gratuito e lutarem contra o ensino pago.

Nós homens públicos, temos por obrigação acionar e dinamizar mecanismos que minimizem as despesas de estudo do aluno universitário.

E apresentamos a seguinte sugestão: Formação de um fundo de auxílio aos estudantes universitários de instituições não públicas. Os recursos para este fundo poderiam provir de diversas fontes, estabelecidas pelo próprio MEC.

Cada universitário seria atendido pelo Fundo de acordo com o índice de carência estabelecido. Os recursos destinados a cada aluno seriam repassados diretamente à Instituição de nível superior.

Esta seria uma forma para realizarmos um pouco mais de justiça social.

Revista VEJA, do dia 04 de março deste ano.

(1) — Respondendo a seguinte pergunta: "O MEC se ressentido de uma crônica falta de verbas. O orçamento de 122 bilhões, ou seja, 4,8% do orçamento da união é suficiente?"

LUDWIG — Os recursos do MEC são realmente muito aquém das necessidades. Mas o Brasil tem de aplicar maciçamente, por exemplo, na geração de energia elétrica, além da nuclear. Quanto custa Itaipu, Tucuruí, Ferrovia do Aço, metrô.

(2) — Respondendo a pergunta: "O ensino pago resolveria o ensino na universidade?"

LUDWIG — Setenta e cinco por cento do ensino universitário pertence a rede privada. Nestes primeiros meses de Ministério já recolhi centenas de opiniões a respeito do assunto e há, praticamente, unanimidade a respeito da informação de que, nas universidades federais gratuitas, os alunos, na maioria, prosedem de famílias mais bem situadas, que poderiam pagar. E nas universidades privadas, a maioria é de alunos carentes. Quer dizer, estamos dando ensino gratuito aqueles que podem pagar.



FININVEST

FININVEST ESPECIAL

COM ELE VOCÊ COMPRA A VISTA E PAGA A PRAZO.

Para adquirir o FININVEST ESPECIAL você não paga nenhuma despesa, faça o seu.

Rua Nereu Ramos, 43 — Blumenau - SC — Fone: (0473) 22-0968

KING'S

MARCAS E PATENTES

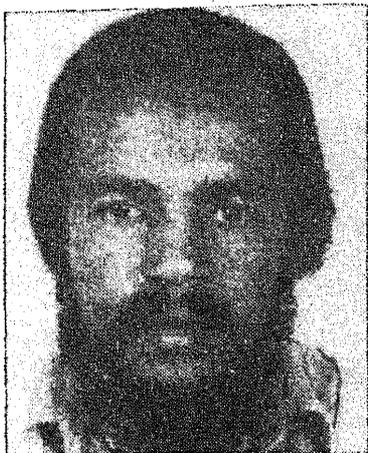
Agência Oficial de propriedade Industrial

89100 - BLUMENAU - S.C.

* QUEM NÃO REGISTRA NÃO É DONO *

Rua 15 de Nov. 600 - Sede Própria
Cx. P. 576 - Fone (0473) - 22-5595

Desconfiar, é preciso



José Endoença Martins

A história da 4ª Ucre até onde eu conheço pode ser contada muito breve e rapidamente. Mais ou menos assim.

Era uma vez um Vertolino que derrubou uma Ludmila que derrubou um Floriani que derrubou um Cor-te que não derrubou ninguém, de tão bom que era. Um verdadeiro desmatarmento, essa derrubada ucreana, você não acha, leitor?

Pois é, de derrubada em derrubada, os cargos de confiança já não merecem mais nenhuma confiança. Pelo menos não aqueles patrocinados pela Secretaria de Educação do Estado. Confiança, hoje em dia, nada mais é do que um produto em baixa cotação. Aliás, vivemos tempos outros onde a desconfiança atinge os maiores índices de popularidade.

Desconfiança campeia solta. É o Governo que desconfia da Oposição; é a Oposição que desconfia de si; é o pai que desconfia do filho e o filho do Espírito Santo, amém. Confiar não é mais preciso.

Desconfiança em popa, o Padre Vertolino decidiu firme, categórico. Pelo sim, pelo não, efetivou-se dia desses. Na carta, chegou à conclusão que confiança é objeto perecível e cargo de confiança é eterno enquanto dura (ou seria duro?). Mas, também que confiança pode oferecer o cargo de coordenador se depende dos humores e amores dos políticos do PDS?

Pois é, o homem (ou seria ainda Padre?) se efetivou e, diante do nosso Jorge, alto e bom som, auto-empossou-se no cargo de professor com 40 horas/aula, no Celso Ramos. A cerimô-

nia, dizem por aí, foi linda. Também pudera, organizada por ele. Agora, ele e mais 400, professores efetivos do Estado de Santa Catarina.

Resultado, alguns políticos do PDS boquiabriram-se (ou seria, boquifecharam-se) surpresos e, agora, não sabem o quê fazer para prejudicar esse Ministro de Cristo (ou seria do Antero?). É que eles queriam apagar o homem (ou seria Padre) da 4ª Ucre já, já. Agora, o impacto vai ser quase nulo. O homem já se forrou e garantiu o leite das crianças para o futuro.

Ingênuos foram o Floriani e a Ludmila que, coordenadores, acreditavam-se imbatíveis e intocáveis na Ucre. Claro, não eram lá aquela coisa e, agora, se encontram na Supervisão descansando os velhos e cansando ossos. Fazendo o quê? Nada. Apenas esperando o Juízo Final.

Meu Deus, como a velhice é ingênua, desatenta e supérflua. Não é à toa que a maioria se encontra trancada em asilos.

Mesmo com o nome de Supervisão Regional, não passam de asilos.

1. Os Nossos Tieppos.

Já estou gostando de Blumenau. A terrinha está tomando ares de cidade grande. Não é que ela até já inventou os seus Tieppos. Os ditos andam soltos e ativos pois aí. O caso mais recente é a Unimed. Um rombo de mais de 5 milhões, segundo comentários. O gerente, Ricardo Alencar Azambuja já foi afastado, mas continua recebendo normalmente. Suspeitam dele, mas não tiveram peito para demiti-lo. Por que? Agora, quem pagará o rombo? Da primeira vez, em Agosto último, o rombo foi de mais de 1 milhão e os médicos associados tiveram que cobri-lo. Agora, na certa, terão que fazer o mesmo. E quem pagará os médicos? Ora, quem? Nós, o povo, os operários. Graças a Deus que lá em casa ninguém depende da Unimed.

Doutores, cuidado com os aventureiros, os Azambujas da vida. Eles podem acabar com a precária saúde do povo e trazer dores-de-cabeça para a classe. Vigiai, pois, filhos de Esculápio. Os Tieppos da vida não dormem, agem.

FURB: campeã dos 37 Jogos Universitários Catarinenses

A FURB — Fundação Educacional da Região Blumenau, após 17 anos de existência, consegue pela primeira vez superar a Universidade Federal de Florianópolis nos Jogos Universitários do Estado.

A Federal, dispondo de três Ginásios cobertos, com uma dezena de quadras polivalentes, um quadro de técnicos que ultrapassa o nº de 30 e verbas para atender a todas as necessidades na área esportiva, sempre conseguiu uma supremacia absoluta nestes jogos. Com a criação da Faculdade de Educação Física em Blumenau foi desenvolvendo-se uma mentalidade mais competitiva e aguçando o senso desportivo de várias gerações de atletas que tiveram seus talentos aprimorados nos bancos das salas de aulas (tecnicamente) e, nas quadras esportivas cedidas pelos diversos clubes da cidade, a prática sempre complementando a teoria.

O quadro de medalhas foi o seguinte:

MODALIDADES — Atletismo (Masculino e Feminino, 1º lugar) Basquetebol (Masculino e Feminino, 1º e 2º lugar), Handebol (Masculino e Fe-

minino, 1º e 2º Lugar), Voleibol (Masculino e Feminino, 1º e 2º lugar), Natação (Feminino 1º lugar masculino 2º lugar), Xadrez (1º lugar masculino), Tênis de Campo (1º lugar no feminino, tanto em individual como em duplas).

Com estes resultados, o reitor da FURB, professor José Tafner já passou a elaborar um extenso e completo documento objetivando conseguir uma verba do Ministério da Educação e Cultura para construir — pelo menos um Ginásio Coberto com uma quadra polivalente para oportunizar aos atletas melhores condições de treinamento.

O reconhecimento pelo esforço e brilhante sucesso nestes jogos foi prontamente reconhecido ao término das competições, quando, quatro atletas na modalidade de Basquete foram convidados para integrar a seleção catarinense que disputará os Jogos Universitários Brasileiros em São Luiz do Maranhão. Também, no atletismo foram quebrados recordes brasileiros e o diretor da Faculdade de Educação Física professor Lourival Beckhauser crê, que se possam aproveitar em mais de 80% os estudantes da FURB.



TRANSPORTES DE CARGAS, ENCOMENDAS

MATRIZ
Rua Artur Balsini, 106 - Telefone 22-1300 — 22-2190 — 22-2410
End. Telegr. TRANSVALE
BLUMENAU — SC

FILIAIS E AGÊNCIAS
JOINVILLE: Rua Inácio Bastos, 1139 - Centro
Fone (0474) 22-1077 - Telex 0474(207)
FLORIANÓPOLIS: Rua Leoberto Leal, 1067 - Barreiros
Fone (0482) 44-2937 - Telex 0482(212)
LAGES: Rua São Joaquim, 470 - Copacabana
Fone (0492) 22-0571 - Telex 0473(466)
CHAPECÓ: Rua 7 de Setembro, 687 - Centro
Fone (497) 22-1866
HERVAL DO OESTE: Rua Santos Dumont, 200 - Centro
Fone (0495) 22-0616
CRICIÚMA: Av. dos Italianos, 735 - B. Sta. Augusta
Fone (0484) 33-2963

TUBARÃO: Rua Roberto Zumblick, 371 - Centro
Fone (0486) 22-0748
ITAJAI: Rua José Gall, S/Nº - Dom Bosco
Fone (0473) 44-2291 - Telex 0473(425)

BRUSQUE: Rua Prefeito G. Schaeffer, 38 - Centro
Fone (0473) 55-1360
SÃO BENTO DO SUL: Rua Aviador Harry Bollmam, 335
Fone (0476) 33-0220
CACADOR: Rua Fernando Machado, S/Nº Centro
INDAIAL: Rua Carlos Schroeder, 168
Fone 33-0189
JARAGUÁ DO SUL: Rua Exp. João Sapella, 214
Fone (0473) 72 1911 - Telex 0474(330)

RIO DO SUL: Rua Ibirama, 1659
Fone (0478) 22-0544

TIMBÓ: Rua Blumenau, 863
Fone (0473) 22-0688

SERVIMOS BEM PARA SERVIR SEMPRE

ENTREVISTA

João Antonio



João Antônio apareceu para a literatura brasileira em 1963, ganhando um Concurso de Contos — Prêmio Fábio Prado...

De lá para cá, sua vida tem sido uma constante luta pela valorização do homem que escreve, daquele que cria, daquele que procura ganhar a vida com uma máquina de escrever nas mãos e com a máquina do sistema nas costas; uma dignifica e a outra tripudia e faz pouco...

Autor de livros como: Malagueta, Perus e Bacanaço, Malhação do Judas Carioca, Leão de Chácara, Casa de Loucos, Calvário e Porres do Pingente Afonso Henrique de Lima Barreto, O Copacabana, Lambões de Caçarola (trabalhadores do Brasil), e também, editou durante muito tempo o periódico — O livro de Cabeceira do Homem, pela Civilização Brasileira.

Sua literatura é muito equilibrada e pernetua como ninguém o homem suburbano, os párias da sociedade.

A entrevista que publicamos é exclusiva e especial para o Acadêmico, elaborada em julho de 1980, mantém viva e acesa sua atualidade por tratar-se de um assunto que nos diz respeito: a profissionalização do escritor, o mercado e a distribuição de livros e as relações entre editor-escritor e escritor público... enfim, são as experiências de um veterano que não faz concessões com este absurdo que se constitui a realidade de quem escreve, para ele, o maior absurdo é a passividade!..

João Antônio é um lutador!
(C.O.J.)

O LSEN — Fala-se em profissionalização do escritor e logo se associa, espontaneamente, a imagem de João Antônio, como você explica esta espontaneidade?

João Antônio * O meu nome está ligado a profissionalização do escritor na medida em que, realmente, de alguns anos para cá eu, principalmente em debates, encontros e, até em atitudes particulares da vida, eu tenho puxado na necessidade que se tem de transformar este trabalho literário que é o trabalho do escritor (enquanto autor de texto), em uma matéria paga a altura do que ela merece. Este tem sido o meu ponto de vista.

Tenho militado com isto, não apenas com palavras, tenho escrito muitas vezes e são várias as firmas mal pagadoras que já foram acionadas na justiça... por exemplo, Bloch Editores e outros... em que eu os acionei para receber os meus direitos. Mas é preciso colocar ainda que para haver uma profissionalização do escritor é preciso a existência conseqüente e responsável do agente literário, que é uma figura que no Brasil existe de um tempo para cá através da Carmen Balsuel, que tem sua sede na Espanha, em Barcelona e tem um escritório de representações no Rio de Janeiro, na rua João Lyra, no Leblon. Bom, sem a figura do agente literário, fica muito difícil esta profissionalização, porque o editor tem ainda em relação ao escritor brasileiro, um comportamento muito paternalista. É aquele comportamento de que, pelo fato dele estar lançando um escritor, ele está prestando um bem a cultura. Não é bem assim a história. Não é só isso. É verdade que, num país como o nosso, o simples fato do indivíduo trabalhar com livros, já quer dizer que ele tem algum idealismo, porém, no fundo, o esquema de negócio dele é altamente capitalista. É um negócio extremamente capitalista e, ele não está prestando exatamente um bem a cultura, massim, ele está fazendo um negócio esta que é a verdade. Então, eu tenho feito esta luta para cima e para baixo, principalmente demonstrando que na maioria dos casos, o único elemento que não ganha dinheiro com seus livros, é o escritor, o editor ganha, o distribuidor ganha, até o revisor das provas ganha... o autor de capa de livro, ganha... e o escritor fica naquela situação terrível de ficar recebendo de acordo com contratos leoninos e draconianos em favor do editor, é natural.

Então, eu acho que a presença do agente literário cria um outro tipo de relacionamento entre o editor e escritor. Estabelece, realmente, um relacionamento profissional. Quer dizer, o escritor não precisa sequer mais ver o nariz dos editores. Não tem que ver. Ele tem é que tratar com o agente literário e este, é quem vai fazer o negócio, quem vai vender o produto, porque, afinal de contas, o escritor não é um homem de negócio. O escritor é um homem de letras, é um homem de texto. O mundo dele é o mundo da criação,

não é o mundo do negócio, da comercialização, entende?

Atualmente acho que para haver uma profissionalização do escritor, é preciso haver a presença do agente literário e também... e também, a presença da profissionalização do editor. Que a maioria de nossos editores, não são editores de livros. São meros intermediários entre a impressora e os distribuidores. Ele não tem, realmente uma linha editorial, um compromisso com determinado tipo de títulos, ele não tem um comprometimento com uma tradição de publicação. Não há nenhuma editora brasileira que tenha 100 anos de existência. Falta uma tradição profissional nesta coisa. Inclusive, uma tradição cultural da Editora... esta coisa toda só pode existir na medida em que houver uma profissionalização geral, porque os problemas do livro são inúmeros, a começar pelo preço do papel. A distribuição do livro no Brasil é uma coisa horrorosa. Um país com 122 milhões de habitantes e com um tamanho continental, tem apenas 300 livrarias que estão gabaritadas a assinar uma fatura e pagá-la... porque muita gente que distribui livros por aí, magazines e bazares e bancas, etc. não tem esta capacidade de compra e venda. Então, o mercado é pobre porque não tem uma circulação do produto, o produto não circula bem. A prova disto é que, dentro deste mercado pobre esta-

A MAIORIA DE NOSSOS EDITORES, SÃO MEROS INTERMEDIÁRIOS ENTRE A IMPRENSA E OS DISTRIBUIDORES.

belece um equívoco muito perigoso que é o seguinte: isto remonta a um comentário, um provérbio, um ditado da idade média: "Casa que não tem comida, todo mundo briga; casa que não tem pão, todos gritam e ninguém tem razão"... este que é o problema. Para haver uma melhora neste mercado era preciso que houvesse um grande encontro de escritores — de ordem nacional em que fossem debatidos todos os problemas de distribuição. Eu estou tentando vender esta idéia, propor esta idéia, a Fundação Rio, para que faça um Congresso de Escritores aqui no Rio em 1981 e que reúna estes escritores para debater todos os problemas de distribuição. Aonde se poderia distribuir, como se poderia distribuir livros, quer dizer, um verdadeiro levantamento de idéias, fazer um relatório. O Brasil não tem distribuição. A prova é que nós estamos num país de 122 milhões de habitantes e uma edição bem sucedida de livros vende somente 5.000 mil exemplares. Por aí se vê que é preciso menos teorização sobre o caso e mais ação, mais prática sobre o problema; é preciso que as pessoas deixem de se culpar uns aos outros, como eu até agora estive fazendo aqui, quer dizer, afirmando que as relações estabelecidas

entre editor e escritor são erradas porque elas são paternalistas e amiguistas e transformar isto numa prática. Como é possível fazer com que o livro chegue mais facilmente ao leitor, mais eficientemente, este que é o problema. Livro no Brasil não circula.

Olsen — Com relação ao problema de direitos autorais, de pagamento de textos, algo que você começou a falar no começo desta entrevista, você não acha que as coisas estão como estão, porque os escritores (entre aspas), são antes, advogados, professores, etc... tem outra atividade para se manterem que não aquela ligada estritamente a literatura?

João Antônio * Mas é claro. Acho que isto é um ponto fundamental. Acho que o ponto fundamental é este. No Brasil, se coloca o trabalho do escritor em disponibilidade, como se fosse um trabalho disponível, como se o escritor não fosse um profissio-

O EDITOR É ENVOLVIDO NUM PROCESSO DE PATERNALISMO EM QUE TOMA PARTE COMO PADRINHO E O ESCRITOR COMO AFILHADO, QUER DIZER, É UMA RELAÇÃO PROFISSIONAL EQUÍVOCA, OU MELHOR, É UMA RELAÇÃO AMADORÍSTICA.

nal como tantos outros, por exemplo, se você chama a sua casa um bombeiro hidráulico, um consertador de móveis, um estofador, um carpinteiro, etc, etc... você tem que pagar e, outra coisa, mesmo que você não encomende o trabalho, o serviço, você tem que pagar a visita. Um técnico, um consertador de televisão, faz isso.

Agora, no Brasil, simplesmente se ocupa o trabalho do escritor, sem sequer uma consulta prévia, sem uma autorização do escritor e eles não se mexem em torno disso, este é que é o problema. Já se propõe aqui no Rio, a exemplo disso, que o Sindicato dos

Escritores não está de maneira nenhuma resolvendo este problema. Era preciso que houvesse uma ação, além da coletiva; além de uma ação sindicalista, era preciso que houvesse a ação individual de cada escritor tomando conta de seu trabalho e a presença do agente literário. Porque, evidentemente, o escritor não é um homem de negócio, quem tem que resolver este abacaxi de direito autoral é o agente literário, que ganha do escritor para isso. O escritor paga uma parcela do que ganha, uma porcentagem, entende? e o agente literário é quem faz estas ligações. Porque do contrário, nós vamos ficar resolvendo estas questões de maneira muito amiguista, muito paternalista, muito doméstica.

Olsen — Além de você, quem mais já tomou esta espécie de consciência?

João Antônio * Bom, o brasileiro que maior tomou consciência disso, chama-se Jorge Amado, este é um indivíduo altamente profissionalizado. Ele tem todo um comportamento profissional. O Jorge é um homem de comportamento profissional, entende? Tudo o que ele faz tem um toque profissional; ele é um profissional por excelência... quer dizer, tem um toque de quem sabe o que está fazendo... este é, vamos dizer assim, o ponto mais alto a que chegou a profissionalização no Brasil. O Jorge Amado é um dos maiores profissionais de literatura do mundo, atualmente. Muito traduzido, esta coisa toda. Agora, hoje em dia já existem vários escritores que têm uma consciência marcadamente profissional, por exemplo: Rubem Fonseca. Acho que Rubem Fonseca tem uma consciência profissional muito desenvolvida. Mas temos outros exemplos também, de escritores que, inclusive brigaram na justiça...

Olsen — Deonísio da Silva...

João Antônio * O Deonísio da Silva, Autran Dourado, aqui no Rio... o Carlos Drummond de Andrade, são todos homens que processaram editores, na justiça... no Forum aqui no Rio.

Olsen — E qual o desfecho?

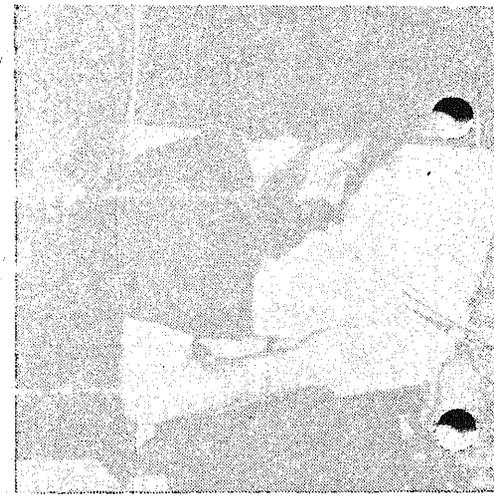
João Antônio * O desfecho foi favorável a eles. Então, nota-se o seguinte: que o editor também é envolvido num processo de paternalismo em que ele toma parte, digamos, de padrinho e o escritor de apadrinhado ou de afilhado, quer dizer, é uma relação profissional equívoca, ou melhor, nem é uma relação profissional, é uma

TODA A INFORMAÇÃO QUE EU DER PARA UM BRASILIANISTA, SERÁ MERAMENTE LITERÁRIA. INFORMAÇÕES DE COSTUMES, POLÍTICAS E GEOGRÁFICAS EU NÃO DOU, PORQUE POSSO ESTAR FALANDO COM UM ESPÍÃO DA CIA.

relação nitidamente amiguística, amadorística e isto leva a uma situação anticomercial até... porque você veja, vamos traduzir isto objetivamente: o editor, em geral, quando contrata os originais de um livro, não dá adiantamento nenhum, não dá um tostão ao autor, ele dará de acordo com a venda. Ora, isto é um absurdo, porque se um editor paga o papel, paga o revisor, paga o capista, paga o distribuidor... porque ele não paga aquele elemento que é o responsável pela fatura da matéria prima, que é o escritor?

Então, a presença do agente literário... hoje já não se faz um livro sem que se tenha um belo adiantamento; adiantamento que, às vezes, chega até 50% do valor de direitos autorais daquela edição. Quer dizer, a coisa começa a tomar um toque mais profissional ora o editor que dá 50% de adiantamento a um livro, ele tem interesse em promover, em difundir, em divulgar, porque senão ele não vende aquele livro. A máquina comercial começa a se movimentar quando todas as peças estão azeitadas para terem um comportamento profissional.

Agora, este comportamento, no Brasil, como não existe uma tradição deste profissionalismo, ainda precisa ser detonada, precisa ser explodida, através da figura do agente. Porque o escritor, em geral, assina qualquer contrato. O agente não, ele lê e relê o contrato. O que se levou, por exemplo, esta não profissionalização do escritor é o seguinte: há casos, por exemplo, no cinema... de aproveitamento de textos no cinema, em que o sujeito que menos ganhou dinheiro com a história toda, foi o autor do argumento... o caso de: Xica da Silva, de João Felício dos Santos, meu amigo João Felício dos Santos em que ele ganhou para dar o argumento, fazer o roteiro e para fazer até um papel



(Da esquerda para a direita) Ol

dentro do filme (faz o papel do pároco do carmo) ele ganhou Cr\$ 3.000,00 para realizar tudo isto. Foi, evidentemente, enganado pelos produtores.

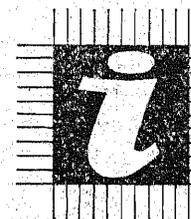
Mas se ele tivesse um agente literário...

Olsen — Mas porque não se denuncia isso aí num jornal, eu por exemplo, desconhecia este fato?

João Antônio * Isto foi denunciado. A Veja fez até um artigo sobre isto quando eu por exemplo, briguei com a Embrafilme, com o diretor do filme que se fez em cima do Malagueta, Perús e Bacanaço que deram o nome horrível de: O Jogo da Vida, porque eu briguei, estou até hoje processan-

Estudante.

Crie, ouse, renove, construa.



TOALHAS
indaiab

do o Odoricio Capovila, através de um processo administrativo dentro da Embrafilme. Quer dizer, as pessoas que roubaram os meus textos, que me calotearam, elas serão processadas na justiça, cedo ou tarde... terão que se explicar com o juiz, com o homem do martelo e quando ele bate prá baixo tem que pagar, ou paga ou executa... e que nós precisamos acabar com uma relação falsa que existe. Eu tenho feito muito barulho pela imprensa, tenho brigado muito, porque justamente, o fato é o seguinte: você ganha bem, o orçamento de um filme, são empregados bilhões de cruzeiros (milhões atuais), acontece que todo mundo ganha com o filme... o atores ganham, os iluminadores, os maqui-



Oldemar Olsen Jr. e Joao Antônio

nistas, os distribuidores ganharam e o autor não ganha? que história é esta. O autor da matéria prima não ganha, o autor da idéia não ganha. Isto tudo é que tem sido a minha briga, porém, eu tenho me sentido muito isolado dentro desta briga e com um papel, digamos quixotesco ou até brancaleônico, entende, porque me vejo como um exército de um homem só, a maioria é capaz de partir assim para tipos de composições em que se aceitam muito paternalismo, muito tráfico de interesses... muito tráfico de interesses.

Olsen — Aproveitando a deixa, em recente contato com Ivan Cavalcanti Proença, ele denunciou o fato de estrangeiros estarem utilizando-se alguns textos dele, para

melhor conhecer o povo brasileiro, inclusive afirmando que era uma forma de conhecer o povo brasileiro para melhor dominá-lo, você já foi vítima desta investida?

João Antônio * Olha, o Ivan Cavalcanti Proença que já é um intelectual por quem eu tenho o maior respeito e um intelectual que também tem se sobressaído por suas posições viris diante desta situação toda, ele é apenas uma das vítimas. Eu mesmo tenho sido sondado por vários brasilianistas

O PRIMEIRO PASSO PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO DEVERIA SER DADO PELO PRÓPRIO GOVERNO ATRAVÉS DO MEC E FAZER, PRINCIPALMENTE, O PRESTÍGIO DA LITERATURA BRASILEIRA JUNTO AS ESCOLAS, FACULDADES DE LETRAS E COMUNICAÇÕES.

tas que vem aqui se dizendo Dr. em Letras, Professor das Universidades não sei o que na Califórnia... São Diego (risos)... entende, etc, etc, etc, e que no entanto, querem pegar os meus textos, traduzi-los e usá-los lá no exterior — como é o caso do Malcolm Silverman — entende,, (risos) e que eu tenho provas escritas disso... que quer me traduzir e me usar de graça no exterior, ora, o que eu ganho com isto... se estou prestando a ele um serviço, se estou em prestando a ele um texto meu, se ele vai trabalhar sobre aquele texto, se ele vai ganhar dinheiro em consequência disto, se a universidade dele vai conseguir verbas para isso então, e eu, como autor fico como? De graça... de forma nenhuma.

Olsen — Em uma entrevista dada para a TV Globo, este cidadão diz que o escritor brasileiro é um serviçal, que ele vem aqui solicitar os livros e os recebe todos de graça, que você acha?

João Antônio * Eu acho o seguinte, eu não colocaria todo o escritor brasileiro neste caso. Eu duvido que ele tenha conseguido qualquer coisa de graça com o sr. Rubem Fonseca, autor de Feliz Ano Novo, Coleira do Cão e outros livros.

Olsen — Lúcia McCartney...

João Antônio * Lúcia McCartney, etc. Assim mesmo, ele não recebe de alguns autores que tenham uma firmada posição intelectual e uma posição profissional. Ele não recebe, eu estou cansado, chegam brasilianistas aqui, querem me entrevistar, querem isto, querem aquilo... eu digo, vendo até um depoimento meu para você, mas eu vendo profissionalmente... agora, bater papo com você e te dar dicas, eu não dou não. De formas nenhuma, mas de forma alguma e, inclusive, tem uma coisa, a contribuição que eu der a um brasilianista, mesmo paga, será uma contribuição única e exclusivamente literária. Informações de costumes, não dou; informações geográficas, não dou; informações de política, não dou, porque eu posso estar falando com um brasilianista e posso estar falando com um espião da CIA.

Olsen — Você teria alguma sugestão para atribuir, ou melhor, o que sustenta a permanência destes elementos, destes charlatães, digamos assim?

João Antônio * Olha, a experiência que eu tenho de observar estes indivíduos é que eles vem cá, para o Brasil e aqui ficam, muitas vezes, instalados durante meses em bons hotéis... hotéis de categoria, de classe, caros, portanto, ficam aí instalados à bairra-mar. É gente de comer bem, de se vestir bem e de andar sempre de táxi, eu nunca vi nenhum destes indivíduos andarem de ônibus.

Então, eu chego a conclusão de que estes caras, naturalmente, devem ganhar verbas vultosas para poder viver este vidão aqui no Brasil, este chamado brasilianista. Porque é impossível, esta gente gasta muito dinheiro aqui, alguns deles viajam pelo Brasil todo, ficam meses. Eu conheço agora um

tal de sr. Richard Harold que se diz Dr. PHD em literatura pela universidade de ST. Louis, Estados Unidos e que, atualmente, está passando 20 dias em Mirais Gerais, 20 dias de Minas Gerais, conhecendo as cidades históricas, Ouro Preto, Bariana, São João Del Rei, Congonhas do... etc... onde, naturalmente, ele precisa dormir, ele precisa vestir, ele precisa de seu passadio, agora, isto tudo não se faz com 20 mil cruzeiros, com 15 mil cruzeiros... além da viagem que esta gente só anda de avião para baixo e para cima, porque esta gente é muito ocupada (risos) eles só andam de avião.

Quer dizer, então, os brasileiros, innocentemente, atendem estes indivíduos sem uma pesquisa mais profunda sobre a natureza deles. Porque se fossem pessoas, realmente profissionalizadas, estariam comprando estas informações literárias através de depoimentos, etc. mas não, eles estão ganhando de graça e como Malcolm Silverman diz que o escritor brasileiro é um serviçal eleeee... comigo se enga-

A GRANDE MAIORIA DE AUTORES ESTRANGEIROS QUE FAZEM PARTE DAS LISTAS DE NOSSAS LIVRARIAS, NÃO PASSAM DE LIXO CULTURAL, TIPO HAROLD ROBINS, ARTHUR HAYLEI E AGATHA CRISTIE...

nou muito e com o Rubem Fonseca ele está muito enganado.

Olsen — Você, João Antônio, veria, alguma possibilidade, em outra pessoa que não o escritor ou o agente literário, com estrutura para resolver este problema?

João Antônio * Bom, o grande exemplo deveria vir do governo. Eu acho que o MEC (Ministério da Educação e Cultura) é um dos principais responsáveis por isso, porque é o seguinte: o Ministério da Educação e Cultura e os Diretores dos Dptos. de Letras das faculdades deste país não desconhecem a necessidade que existe, por

dudalina
A LOJA QUE ESTÁ NA MODA
USE SEU CRÉDITO

exemplo, de levar escritores para dentro dos colégios e propiciar debates, encontros, seminários etc, etc. ...no entanto, eu noto o seguinte, eu que viajei este país, praticamente todo, a convite de universidades, desde Manaus no Amazonas, até Ijuí, no Rio Grande do Sul, quase na Argentina, noto que toda vez que isto acontece, é feito por apenas um ou dois indivíduos que são heróis, verdadeiros abnegados, como é o caso do escritor Deonísio da Silva, lá em Ijuí, fazendo um sacrifício terrível para levar escritores lá e tal e coisa, muitas vezes brigando por uma verba que não lhe é dada pela FUNARTE, pelo MEC, nem por ninguém. Então, isso deveria partir do próprio MEC, o primeiro passo para esta profissionalização deveria ser dado pelo próprio governo através do MEC e fazer, principalmente, o prestígio da literatura brasileira junto as escolas, as faculdades de letras e as escolas de comunicação. Indicar autores, levar autores, criar condições para se dar cursos, para se fazer seminários... e principalmente para se estabelecer um contato direto entre escritor e público, isto é fundamental. O primeiro exemplo teria que partir disso. O segundo exemplo teria que ser dado, por uma coisa que não existe aqui no Brasil, por absoluta relapsia também, dos homens que dirigem, que são as fundações culturais. No Brasil não há Fundação Culturais, as poucas que existem são insuficientes. Por exemplo, você pega um frigorífico como o Armor do Brasil ou uma firma automobilística como é o caso da Volkswagen e simplesmente não tem uma fundação cultural, quer dizer, em qualquer país civilizado, estas firmas tem pessoas especializadas que tratam disso, de fazer um intercâmbio, uma ligação, uma aproximação entre leitor e autores, principalmente leitor naquela faixa universitária, isto seria um passo fundamental que está sendo pouco valorizado, por exemplo na matéria de expressão e comunicação, estou cansado de ver pelo Brasil afora que alguns autores estrangeiros, como é o caso de Hermann Hesse, Antoine Saint Exupéry, da Agatha Christie até que são indicados pelos professores como matéria de leitura para seus livros. Imaginem só. Isso eu tenho visto. Ora, meu deus! entre indicar isto e indicar um autor brasileiro de atualidade que está aí falando de realidades nossas que estão aí, eu acho que seria preferível um autor brasileiro. Este é um fato. Uma denúncia muito séria, eu tenho flagrado isto, não é apenas entre escolas não, eu tenho flagrado até no ato de certos adolescentes comprarem o livro. O sujeito chega na livraria, o rapazinho de seus 15 anos e quer comprar o livro de Hermann Hesse, então eu digo, porque você está lendo Hermann Hesse?

— Eu estou lendo Hermann Hesse porque o professor indicou.

— Mas que professor?

— Professor de comunicação e expressão.

Então, eu acho que este é um caso muito sério que o governo, através do Mec, não pode fazer vistas grossas diante disto. Porque estes professores estão prestando um desserviço a cul-

tura brasileira, dentro do próprio Brasil, esta é a minha opinião.

Olsen — Recentemente um Deputado ou um Senador, enfim um elemento ligado a política catarinense, entrou com uma petição, de que deveriam ... Você soube disso não? De que para cada livro estrangeiro editado no Brasil deveria ser editado um correspondente, nacional... aí o Jornal do Brasil deu aquela "cacetada" dizendo que: Escritor biónico, não! Como é que você vê isso?

João Antônio * Eu acho o seguinte, em primeiro lugar, nem o Deputado está certo e nem o Jornal do Brasil está certo. Porque o problema todo não



é lançar autores estrangeiro no Brasil, o problema todo é que se lança no Brasil lixo cultural. A grande maioria dos autores estrangeiros que fazem parte das listas em nossas livrarias, não passam de lixo cultural, tipo Haroldo Ramos, Tolstoi, Dostoiewski, Gogol... isso daí não passa de lixo cultural, estes produtos estão causando um retrocesso cultural brasileiro. Agora, alguns autores estrangeiros, principalmente os clássicos, digamos um Stendhal, ou um Voltaire, ou os russos famosos, Tolstoi, Dostoiewski, Gogol... quanto a esta gente, eu não tenho nada, porque esta gente, no fundo, fez uma literatura que não se presta à alienação, aí é que começa o problema. O problema não é o produto cultural estrangeiro, é a natureza deste produto cultural que é um produto que aliena o nosso público de sua verdadeira realidade.

Nem tem razão o Deputado, nem tem razão o JB, era preciso um ponto de equilíbrio, era preciso um exame criterioso do autor estrangeiro que nós estamos lançando.

Se este autor estrangeiro está contribuindo para que o homem, o leitor se aproxime mais das verdadeiras condições humanas... eu não tenho nada contra um Zola, contra um Gorki, contra o Sartre... eu não tenho nada, pelo contrário... contra o Hemingway, contra o Fitzgerald... eu quero que o leitor brasileiro leia também estes autores. Agora, eu quero que o leitor brasileiro leia estes autores, na proporção que ele lê um Deonísio da Silva, um Sérgio Faraco, um Moacyr Scliar, uma Oriana Fallace, um Ignácio de Loyola, um Márcio Souza, um Rubem Fonseca, um Agnaldo Silva, etc. O autor brasileiro,

Eu quero isso. Mas acontece que o pessoal não está lendo mais literatura estrangeira... o pessoal está lendo o best-seller... ismo... best-selismo estrangeiro, quer dizer, o lixo cultural. Aí é que eu acho que tem que haver um paradeiro nisso. O governo teria que ver este negócio. Teria que ver coisa, porque a proporção é monumental. Você sabe que as nossas livrarias estão (isto são dados da Câmara Brasileira do Livro) ocupadas pelo material estrangeiro em 87% da totalidade dos títulos. Quer dizer, sobra menos de 20% para o autor nacional. Para o livro nacional. Este que é o problema. Então, realmente, a denúncia deste deputado, o proposta dele, é uma proposta bastante séria, mas também, se meter o pau e dizer que o autor biónico, não! é o tal negócio, porque quando se fala de autor brasileiro, nunca se quer dar o braço a torcer, a verdade é a seguinte, é que os próprios editores começam a levantar verdadeiras teorias de que o autor brasileiro não tem a aceitação que tem o autor estrangeiro e tal. Mas eu pergunto sempre o seguinte, será que o autor brasileiro tem a divulgação que o autor estrangeiro tem? Então é um problema muito sério... quando chega um livro do Puzzo, Mário Puzzo, ele já vem com uma carga de violenta divulgação... com promoção, inclusive, em termos internacionais. Olha, tem que ser sucesso porque é um produto já conhecido, além dos filmes, etc, etc. Então, o autor nacional está colocado em pé de absoluta desigualdade com o autor estrangeiro, e sob este aspecto, o Deputado tem toda a razão, inteira razão. Outra coisa, era preciso investir mais no autor nacional, este investimento não é para ser feito apenas pelo editor, mas também pelo poder público. Quer dizer, o poder público precisava indicar mais o autor brasileiro, indicar no vestibular, em concurso, em vários cursos, de expressão e comunicação, principalmente... fazer o jovem estudante, conviver com o produto nacional, agora eu pergunto, uma pergunta altamente maliciosa, será que o sistema está interessado que o jovem brasileiro conviva com o autor brasileiro? Que ele estará convivendo com a realidade brasileira. Será que há um interesse nisso?

Eu me arrisco a responder. Não há apesar da chamada abertura, não está existindo esse interesse. Não está existindo. Basta você olhar numa televisão, basta você olhar numa banca de jornal, basta você entrar numa livraria para ver que o produto nacional, cultural, que se refere a realidade brasileira, ele está sempre em segundo ou terceiro plano, isto é o que eu estou vendo por aí.

Olsen — O corpo-a-corpo, este movimento que você e o Ignácio de Loyola iniciaram e estão levando a sério, eu considero o maior e mais eficiente passo dado no sentido de resolver este problema, tu não achas?

João Antônio * Bom, ocorre o seguinte, a melhor maneira de se resolver qualquer problema é enfrentá-lo e

procurar compreendê-lo. Eu vou dizer a verdade, eu não tenho solução nenhuma para o problema do livro, estou tentando encontrar uma solução; agora, estou realmente tentando. Estou tentando dentro da medida de minhas forças, estou tentando equacionar para minha compreensão este problema. Quero compreender este problema. Como é que eu posso compreender este problema? É indo à estudantes. É conversando com estudantes. É trocando idéias com estudantes, com professores de letras, com professores de escolas de comunicação, com livreiros, com distribuidores, com gente que lida com o livro, porque a única maneira de equacionar este problema é se aproximar dele, procurar enfrentá-lo dignamente. Sem nenhuma picaretagem, sem nenhuma camuflagem, sem nada disso. É equacionar o problema e eu estou chegando a conclusão de que sob determinados aspectos, o problema do livro é equacionável no Brasil. Porque toda vez que se divulga o livro, há uma resposta positiva.

O livro passa a ser conhecido, passa a ser discutido, passa a se escrever... há uma resposta disso. Você, por exemplo, disse uma frase aí (tosses) que eu acho justa, dizia o seguinte: "o sul está isolado..." Realmente, o sul está isolado, porque além de todos os problemas, um dos maiores, dos mais graves problemas do livro no Brasil, é esta ditadura exercida por Rio e por São Paulo na cultura brasileira. Há uma ditadura feroz exercida por Rio e por São Paulo sobre a cultura brasileira. Não é somente o sul que está isolado, o norte também está, o nordeste também está e o centro oeste também está... entende, quer dizer há uma ditadura cultural, porque este país só tem dois polos culturais: Rio e São Paulo, cuja distância é mínima em termos brasileiros... que são 400 km. então, ocorre o seguinte, um autor para vencer — no Brasil — para ser conhecido, ele precisa, primeiro, ter o beneplácito de Rio e de São Paulo... sem isso, ele não consegue projeção nacional, começa por aí... os valores que chegam à Sta. Catarina, que chegam à Alagoas, que chegam ao Rio Grande do Sul, que chegam à Goiás, etc. são valores saídos do Rio ou de São Paulo... são valores ditados por eles... No Brasil, precisaria ser criado, no mínimo, mais uns três ou quatro polos culturais, talvez um em Manaus, outro em Recife, outro em Goiânia... (telefone toca)...

Novos polos culturais, que poderiam ser estes... manter os do Rio e São Paulo, que são muito fortes... e passar um polo para o sul... que poderia ser em Porto Alegre... Curitiba... ou poderia ser em Florianópolis... ou poderia ter dois... se um polo cultural é o resultado de toda uma economia, aí é que está o grande problema... para mexer num problema como o livro no Brasil, precisa mexer no problema cultural e pra mexer no problema cultural, precisa mexer no próprio projeto político do país, entende? Quer dizer, a coisa é muito mais revolucionária do que eu estou dizendo... tem

muito mais raízes... enquanto houver, apenas estes dois polos culturais no país, a coisa vai ficar bem difícil de ser equacionada. Inclusive, em termos de distribuição, de livros... porque quando eu falo em termos de distribuição de livros, o negócio é o seguinte: é um problema da própria política de transportes no Brasil, que está inteiramente errada... estamos num país que se move à gasolina, que só tem rodoviarismo e viação aérea... nós não temos, praticamente, transportes ferroviários e não temos transportes por navios, nem fluvial e nem marítimo. Quer dizer, um país com uma costa imensa destas, todo o Atlântico Sul, um país com rios imensos e que não trata da navegação através de rios e um país que deveria estar forrado de ferrovias, que é um

87% DOS TÍTULOS DE NOSSAS LIVRARIAS (DADOS DA CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO) ESTÃO SENDO OCUPADOS PELO MATERIAL ESTRANGEIRO.

transporte, muitíssimo mais barato, então, é preciso mexer no Brasil com um todo; o que se pode fazer para melhorar a situação do livro, são esforços — vamos dizer assim — são esforços individuais e paralelos, conforme este que eu tenho feito e conforme o trabalho que o Loyola tem feito e outros autores, em menor escala, tem feito. Porque este é um trabalho altamente estafante, é um trabalho cujas sementes darão fruto daqui há muito tempo. Não se tem um fruto imediato. Leitor não se faz de uma hora para outra, isto está provado. O leitor se faz na infância. Nós estamos tentando dar um jeito numa situação que já é caótica...

Olsen — A do livro didático...

João Antônio * É. Exatamente! Quer dizer, já é caótico. O brasileiro precisa criar, antes de tudo, sentir a necessidade do hábito da leitura, como necessidade do convívio com a cultura. O brasileiro não tem esta necessidade, não sente a necessidade de convívio com a cultura. Então, eu acho que sem uma ação global, total, que envolva governo, empresários culturais, autores, distribuidores e professores, quer dizer, a universidade, não é possível chegar há bons resultados. Podemos ter bons resultados, assim, episódicos ou lateral... mas como um todo, nós não teremos não. Eu não acredito que haja esta possibilidade.

Olsen — Sobre a crítica brasileira..

João Antônio * Há uma imensa falta de espaço cultural para a literatura, nos nossos jornais, revistas e televisão, principalmente televisão. Quer dizer, o autor, o escritor, está colocado no todo brasileiro, como um marginalizado, inteiramente marginalizado —

com raríssimas exceções — o autor está inteiramente marginalizado — não há espaço físico, material para o autor, este que é o problema. Você veja, por exemplo, quando eu publiquei em 1963, Malagueta, Perus e Bacanaço, havia muito mais espaço cultural dentro de nossos jornais, revistas e também, televisão, do que existe hoje havia por exemplo(só aqui no Rio uns 4 ou 5 suplementos literários. Havia o Letras e Artes que era do Correio da Manhã, havia uma página literária, toda semana, no Diário Carioca, que não existe mais, havia a Tribuna de Imprensa com um maravilhoso suplemento literário que durou até pouco tempo, havia a revista Leitura (que não existe mais), a Revista Aihembí (que não existe mais), a Revista que era editada pelo Jorge Amado, o Para Todos (que não existe mais), a Última Hora também tinha uma página de literatura semanal. O Cruzeiro, tinha os arquivos implacáveis do João Condé, enfim, havia um crédito de confiança... tinha a Revista Senhor que publicava sempre autores brasileiros com bastante destaque... publicou o Guimarães Rosa, o Jorge Amado, o Rubem Fonseca... Na verdade havia espaço cultural para o autor brasileiro, este que é o problema. O autor brasileiro, ele visitava mais as páginas literárias dos jornais e revistas... hoje em dia, não existe mais este espaço cultural, você pega, por exemplo, o Rio de Janeiro... só está com o suplemento do livro do jornal do Brasil e o Globo, que também é pobre. O resto desapareceu, praticamente. A consequência disso é muito desastrosa, porque se não existe o espaço cultural, não pode ser exercida a crítica. Não se parou de se escrever sobre livros, também tem isto. Agora, independente de não haver ou de se escrever sobre livros, há um fato muito mais sério, eu acho que a verdadeira crítica brasileira está calada. A verdadeira crítica brasileira não está falando. Os grandes críticos brasileiros não estão exercendo o espaço cultural nenhum junto a jornais e revistas — o que eu quero dizer é: Antônio Cândido, Alfredo Bossi, Benedito Nunes, Paulo Ronai... Fábio Lucas... quer dizer, estes são os verdadeiros críticos do Brasil. Outra coisa, as pessoas que estão exercendo a crítica, por exemplo, o Wilson Martins, no Jornal do Brasil — na verdade, ele — Wilson Martins — está usando o espaço de maneira muito arbitrária, porque o indivíduo, muitas vezes escreve um livro de... sei lá, 300 páginas e merece duas linhas... qual é? Isto é um absurdo, além do que, eu acho que a nossa crítica, exercida nos jornais, é uma crítica que não tem o peso dos verdadeiros críticos brasileiros... que são estes já citados, que possuem embasamento crítico para isso, porque a crítica é uma ciência, é algo muito sério... e as pessoas que escrevem sobre livros no Brasil, são em geral, pessoas de comportamento cultural irregular, irregular... o Wilson Martins, por exemplo, é um exemplo disso... o Léo Gilson Ribeiro conquanto, eu acho até com qualidades muito positivas, etc. é outro que tem altos e baixos tremendos, se pega — às vezes

— de paixão por um autor, por uma coisa e...

Olsen — E o Assis Brasil...

João Antônio * E o Assis Brasil, eu também acho que ele não é um crítico. Acho sim, que o Assis Brasil é um excelente noticiarista cultural, pois é, por exemplo, o...

Olsen — Um descobridor de talentos... o Ricardo Hoffmann, escritor catarinense que ele revelou para o Brasil inteiro...

João Antônio * Claro... isto tudo é verdade. O que eu quero reclamar, é a ausência do espaço cultural, porque se não existe espaço cultural, não pode existir o jornalista, que escreve sobre cultura, e não pode existir o crítico, porque ele não tem aonde escrever, porque não há onde por o produto dele — o produto de seus pensamentos, de suas idéias... tanto é que você nota que ho-

HÁ UMA DITADURA CULTURAL, PORQUE ESTE PAÍS SÓ TEM DOIS POLOS CULTURAIS: RIO E SÃO PAULO...

je em dia não existe mais polêmica nos jornais — quer dizer, você faz um artigo e ninguém mais responde ao seu artigo... ninguém responde, porque não há espaço cultural... muitas vezes criticando o que você criticou ou até, acrescentando dados que você não tem... cultura se faz num regime democrático, num regime onde existe, inclusive abertura, espaço cultural para discussão. Você abre, por exemplo, uma revista horrosa como é a Manchete, e você não vê o menor espaço para a divulgação cultural nela... você abre outras revistas, não vou nem citar aqui, e você nota que as pessoas que estão escrevendo sobre cultura, são pessoas que não tem gabarito para isso, são pessoas que não tem uma tradição, um embasamento cultural, que só se consegue, efetivamente, com muitos anos de exercício... e sem dúvida nenhuma, o grande embasamento crítico se consegue ainda é, na universidade, apesar de tudo... de toda a deficiência universitária. O grande embasamento é nas universidades... agora, outra crítica que eu tenho à crítica brasileira, acho que ela espalha, acho que ela funciona como espantinho de leitores... porque na maioria dos casos, a nossa crítica é ilegível... a nossa crítica tem uma verborreia... verborreia... terminologia que não acaba mais...

Olsen — É aquilo que tu falaste no depoimento, à guisa de apêndice, com o título de corpo-a-corpo com a vida, se não me engano, no livro: Malhação do Judas Carioca... em que deste uma ferada nos "ismos" que abundam por aí...

João Antônio — É isso mesmo... terminologia que não acaba mais... espaciais que não acabam mais, todo mundo ditando regras, todo mundo sabe de tudo, qual é o "ismo" da moda, então todo mundo pensa daquele jeito.

é estruturalismo — e todo mundo pensa em estruturalismo; estruturalaser e, então, tudo isto afasta o leitor comum das verdadeiras obras que, muitas vezes estão sendo criticadas por estes críticos. Às vezes, estes críticos conseguem transformar uma obra simples, uma obra meridiana, uma obra clara, numa coisa complicada. Então, o indivíduo tem a impressão que para entender a quele autor, ele precisa ser um doutor em letras. Ele precisa ser um homem versando em Joyce, em Proust, em André Mauroix, para poder se aproximar daquele... quando não é bem isso... às vezes, são autores da maior simplicidade. Acho que, com esta crítica que temos aí, ao invés dela prestar um serviço a cultura, ela acaba prestando um desserviço. Agora, os críticos só, não são culpados, os grandes culpados são, também, os empresários, os donos de jornais e revistas e os editores culturais que, na minha opinião são muito fracos. São homens que não estão atualizados, que não estão acompanhando o ritmo do que se publica neste país, do que se tenta fazer neste país, de toda esta movimentação. Ao mesmo tempo, a culpa não é só deles, é do próprio Mec, que não propicia a divulgação destes autores. Que não propicia a discussão destes autores. Então, era preciso que houvesse, também, em torno do momento cultural, da situação, da falta de espaço para a cultura, que houvesse um esforço do próprio governo e dos próprios empresários em geral. Porque você vê, a cultura está banida, a cultura brasileira está escurraçada. A literatura brasileira, nós não temos dúvida, ela vive dentro de um pequeno gueto cultural, não transcende, não sai, não chega ao público... por muitos motivos, mas é principalmente por uma situação de política cultural errada — quer dizer, ninguém aqui pensa que o povo vai ao teatro, porque o povo não vai ao teatro, o povo não abre um livro. Há, sem dúvida, os problemas econômicos muitos sérios... o isolamento cultural existe entre elite e povo, que é tenebroso, e é contra este que nós temos que lutar, entende? É contra este. Olha, eu tenho vivido aí experiências com estudantes de letras, que é um negócio terrível, tem gente que se formou em comunicação, em letras e que não sabe quem foi Lima Barreto. Precisou, muitas vezes, eu emprestar um livro do Lima Barreto para a pessoa... você está perdendo o contacto com um dos maiores escritores da América do Sul... negócio muito sério... então, a pessoa vai ler e admira e lê todos os outros livros... vai comprar na Biblioteca ou compra ou empresta... Então, se aqueles estudantes tivessem, através de seus professores, motivações para pegarem a fundo, bons escritores brasileiros, claro que nossa literatura seria consumida, seria discutida e cumpriria um papel social, até de utilidade pública, mas não, aqui a coisa é isolada, há pessoas que entram e saem de uma universidade... e tem outra coisa, as nossas universidades que é possível o indivíduo terminar todos os cursos sem nunca ter lido um livro, apenas lido teoria de literatura, e nunca

ter lido mesmo literatura. Este é que é um aspecto muito tenebroso desta escola de letras. Infelizmente, no Brasil, a literatura ainda é uma propriedade da classe média alfabetizada... enquanto nós não tivermos uma ampla divulgação da literatura nas universidades, nós não vamos sair do lugar onde nós estamos. Porque serão eles, os estudantes, os professores de amanhã... mesmo assim, eu quero chamar a atenção para um dado terrível, nós temos, hoje, mais de um milhão de estudantes universitários no Brasil todo e, no entanto, um livro continua vendendo cinco mil exemplares. Quer dizer, bem vendidos, quando vende cinco mil exemplares, já é considerado best-seller e já entra na lista da Veja... é uma situação cultural de miserê. É um miserê cultural ao qual eu me refiro.

Olsen — Aí, eu acho que o trabalho deveria ser feito com o livro didático com estudantes do primeiro grau... mas incorre em outro problema, porque o elemento que organiza estes livros, normalmente, se inclui como contista, como cronista, como ensaísta... veja as denúncias do Osman Lins na obra: Problemas Inculturais Brasileiros...

João Antônio — Mas aí, ocorre o seguinte, o livro didático teria que ser feito, teria que ter uma supervisão dos verdadeiros intelectuais, não deveria ser um livro feito apenas pelo autor do livro didático, mas deveria haver um verdadeiro conselho para se fazer um livro didático no Brasil, para se incluir este ou aquele autor... para se incluir

A LITERATURA BRASILEIRA, NÓS NÃO TENHAMOS DÚVIDA, ELA VIVE DENTRO DE UM PEQUENO GUETO CULTURAL... BANIDA, ESCURRAÇADA.

um maior número de autores possível e claro, sempre que possível, transformar o livro didático em qualquer coisa atraente e boa, generosa de se consumir e não uma coisa antipática. Porque se estabelecê uma verdadeira antipatia em torno do livro didático no Brasil. Não temos nenhuma dúvida... (pode tomar que tem mais água gelada aí)... os nossos alunos tem verdadeiro horror ao livro didático.

Olsen — Tens ainda uma frase, um pensamento para encerrar?

João Antônio — Não há possibilidade nenhuma de ficar assistindo aí esta situação tenebrosa, de ostracismo cultural que é decorrência de toda uma ditadura... ficar observando isto de braços cruzados, precisamos fazer alguma coisa e de pelo menos encarar os problemas, se aproximar deles e procurar compreendê-los, pelo menos isto. Eu acho que o único crime que se pode cometer no Brasil, é o crime da omissão que é um resultado da alienação.

Basicamente isto que eu tenho a dizer!

Olsen — Oh! rapaz, você está prestando um serviço desgraçado para a cultura catarinense...

O BAILE DOS CALOUROS

Versão 81



As concorrentes que participaram do Concurso "Rainha dos Calouros"... Roseli Horstmann, Mary Krutsch, Jane Mabel e Brenadete Inês Back (eleita Rainha dos Calouros - 81).

Existem duas promoções que catalizam a atenção de todos os universitários, indistintamente, trata-se do Baile dos Calouros (realizado sempre no 1º semestre letivo) e o Festival Universitário da Canção (no 2º semestre).

A promoção este ano superou todas as expectativas mais otimistas, tanto em público como em calor humano, organizada pelo DCE — Diretório Central dos Estudantes, coordenada pelo Diretor do Depto. Social, Luis Carlos Pabst e finalmente, divulgado e apresentado pelo jornalista Carlos Muller.

O Conjunto Quarta Redenção de Itajaí, animou a festa que contou com a participação de, pelo menos, dois mil universitários.

O ponto alto desta confraternização estudantil, foi a escolha da Rainha dos Calouros, como acontece todos os anos, cada Diretório Acadêmico escolhe a sua miss e estas concorrem a láurea maior assim, tiveram presentes: Bernadete Inês Back (Diretório Acadêmico de Economia), Mary Krutsch (Diretório Acadêmico de Direito), Roseli Horstmann (Diretório Acadêmico de Educação Física), Jane Mabel (Diretório Acadêmico de Engenharia) e Ruth

Schuller (Diretório de Filosofia).

A Comissão Julgadora foi composta pelo Reitor da FURB, professor José Tafner, Heriberto A. Schmidt — presidente do DCE, José Araújo Neto diretor da EMCATUR, Angela - neta do escritor Paulino Jacques, pelo joalheiro Jan Weickert, pela Cortula, esposa do presidente do Clube Blumenauense de Caça e Tiro e por Sérgio Hess de Souza. A secretaria ficou aos cuidados de Denize de Souza.

Tanto o desfile como o julgamento se processaram rapidamente e teve como escolha, com 175 pontos, a acadêmica do curso de Economia, Bernadete Inês Back e, em segundo (por ordem de chamada) empatadas, Mary Krutch e Roseli Horstmann.

A Rainha eleita ganhou uma viagem ao Rio de Janeiro (Transbrasil) e uma jóia da Baier Joalheiros; Mary ganhou um prêmio da Dudalina e Rosely ganhou um prêmio da Ótica e Relojoaria Schwabe.

A festa transcorreu sem incidentes se deixou muitas saudades e talvez, quebrando um costume antigo, não sossobre a esperança de um novo baile, desta vez de encerramento de semestre. Fica a sugestão.

NOS BASTIDORES DO DCE

O Diretório Central dos Estudantes, atendendo a solicitação de estudantes proprietários de motocicletas, através do acadêmico do curso de Administração Horst Hogrefe, vai, construir um estacionamento Coberto para motocicletas. Estamos aguardando somente o Reitor José Tafner indicar o local.

— o —

O Reitor José Tafner em resposta a solicitação do DCE, sobre a segurança do estacionamento da FURB, se prontificou em colocar um guarda para a segurança do mesmo, pois, não só roubam gasolina, mas no mês passado um Volks foi roubado do pátio interno da FURB.

— o —

Foi lançado na FURB o concurso para escolha do cartaz, referente o II Salão Universitário de Artes Plásticas, uma promoção do DCE, em conjunto com alunas do Curso de Ed. Artística, colaboração da Galeria Açu-Açu e Prefeitura Municipal de Blumenau. Prazo de entrega ... 11.05.81 prêmios Cr\$... 3.000,00 e um jantar "a dois" surpresa.

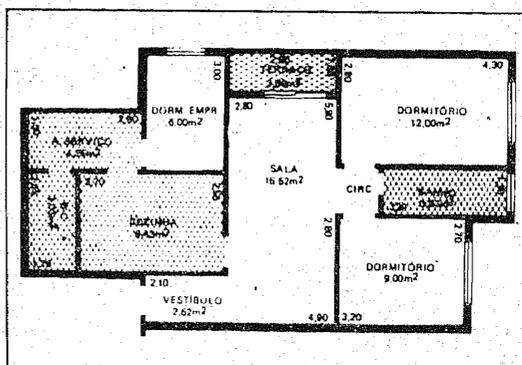
O Diretório Central dos Estudantes espera em breve poder promover a apresentação do grupo floclórico de alunos (as) do curso de Ed. Artística, inclusive Boi de Mamão.

O DCE e os Diretórios Acadêmicos se reuniram dia ... 09.05.81, e dentre os diversos assuntos, iniciaram a discussão política sobre a eleição do Reitor. A proposta do DCE é para eleição direta a Reitor, bem como a dos diretórios Acadêmicos. O DCE e os DAS, estarão se reunindo com o prefeito municipal Renato de Mello Vianna, para tratarem da possível eleição Direta a Reitor.

— o —

Com vista ao novo aumento de anuidades da FURB, uma comissão de alunos formado do DCE e DAS, irá a Fpolis, numa audiência com o Governador, apresentar um projetos, visando uma verba mensal para a FURB. Um dos fortes motivos está na justificativa de que dos 4000 estudantes da FURB, 1600 são de outras regiões do Estado de Santa Catarina, e sendo assim ajudando a FURB o governo irá fazer justiça a toda Santa Catarina.

APTO. c/ 2 QUARTOS



Este apartamento você pode

adquirir, com uma entrada a partir de Cr\$ 305.671,00 facilitados e saldo em suaves prestações

EDIFÍCIO CASIMIRO DE ABREU Blumenau

PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÕES LTDA.
Rua Amadeu da Luz, 156 - BLUMENAU
Tel. (0473) 22-4400.

Violência & Criminalidade

Enéas Athanázio

Um grupo de juristas brasileiros, todos ligados às áreas do Direito Penal e Penitenciário, reuniram num volume os estudos que realizaram como membro de um Grupo de Estudos instituído pelo Ministério da Justiça. Sua finalidade era apresentar propostas de solução para o avassalador problema da violência e da criminalidade, visando extirpar ou, pelo menos, reduzir de combate a longo prazo por envolverem questões de ordem econômica e institucional. O volume, sob o título de "Violência e Criminalidade", foi editado pela Forense, em 1980, e tem como co-autores os professores Damásio Evangelista de Jesus, João de Deus Menna Barreto, Renê Ariel Dotti, Roisle Alaor Metzker Coutinho e Serrano Neves.

Considerando que a segurança individual é um valor universal e perene, garantido pelo texto constitucional "como os demais valores que iluminam a personalidade", parte-me de uma formulação das quatro categorias principais de violência, segundo a triplogia proposta por Johan Galtung, a saber: a) violência clássica ou direta; b) pobreza (fisiológica, ecológica e social) de maneira a impossibilitar a satisfação de necessidades materiais primárias; c) repressão (ao nível da liber-

dade, da política, da justiça e do trabalho) conduzindo à negação dos direitos humanos; d) alienação (relativamente à sociedade, a si mesmo e à natureza) impedindo a pessoa de alcançar estágios superiores de satisfação.

Partindo daí, numa visão ampla, propõem medidas de ordem legislativa e administrativa, todas elas, a meu ver, absolutamente procedentes frente à realidade brasileira, algumas até advogadas de longa data por juristas e tribunais criminais.

Dentre essas propostas, merece referência a que propugna pela revogação pura e simples da "famigerada" Lei nº 4611, de 2 de abril de 1965, que estabelece o procedimento sumárrimos para o julgamento dos crimes de trânsito. Ficaria restabelecido o princípio geral da instauração de inquérito policial para apuração dos delitos de homicídio e lesões corporais culposas, iniciando-se a ação penal mediante denúncia do Ministério Público. Esse diploma legal em que se depositou tanta esperança e que foi considerado a panacéia que resolveria os chamados "delitos do automóvel", revelou, na verdade, ao longo de sua vigência, sua incapacidade de fazer justiça aos numerosos a-

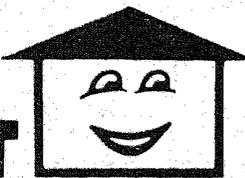
cusados de crimes dessa natureza. Diante da crescente impunidade (que ela facilita), essa lei grangeou inimigos sem conta, sendo de admirar que ela ainda esteja em vigor. Mas parece que os seus dias, agora, estão contados, tanto que os autores do livro fazem reparos e sugestões à regulamentação legal que deverá substituí-la.

Outra proposta, esta visando coibir a "criminalidade não aparente", é a reestruturação do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (C.D.D.P.H.), introduzindo importantes alterações na Lei nº 4319, de 16 de março de 1965, visando sobretudo torná-lo mais atuante e independente. A mais importante, sem dúvida, é a que pretende criar a figura do "Corregedor da República", a quem "caberá a fiscalização e execução permanente, em todo o país, das normas baixadas em plenário." Como assevera Menna Barreto, "trata-se de medida de transcendental relevância. Seria o alto funcionário a desempenhar funções semelhantes às do OMBUDSMAN, oriundos dos países nórdicos." A ele caberia a apuração de irregularidades praticadas pelas autoridades constituídas e de qualquer ato suscetível de inquérito administrativo ou criminal. O assun-

to, apesar de sua evidente importância, não vem merecendo a devida atenção de parte dos nossos estudiosos.

Inúmeras outras sugestões, muitas delas criativas e imaginativas, aparecem no volume. Incentivo fiscal às empresas que aproveitem mão-de-obra de menores, criação de delegacias de vivência, de certas contravenções penais, detenção cautelar cercada de cuidados, medidas de proteção ao meio ambiente e à boa qualidade de vida, elaboração de um Código de Execução Penais, a prisão preventiva compulsória em certos delitos graves, eis aí algumas delas, afora outras tantas que deixamos de analisar em face da exiguidade de espaço. O livro em questão, — nem é necessário dizê-lo, — não pode e nem deve deixar de ser lido e pensado por quantos se interessam pelos problemas brasileiros, juristas ou não.

Oxalá as sugestões nele contidas não fiquem apenas nas suas páginas. Alguma coisa de concreto e sério precisa ser feita, e com urgência, pois no ritmo em que crescem a violência e a criminalidade, em especial nas cidades maiores, não há cristão que aguente.



PROBST

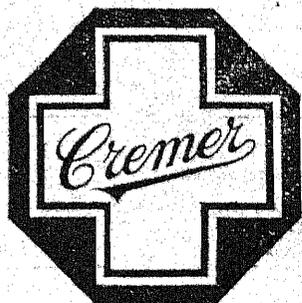
Estudante!
Crie, use, renove, construa.

Arber

ARNO BERNARDES
IND. E COM. LTDA.

FÁBRICA DE PARAFUSOS SEXTAVADOS
E FRANCESES, ARRUELAS DE PRESSÃO
E LISAS, PORCAS ESTAMPADAS A FRIJO.

Rua Almirante Barroso, 1159 — C. P. 615 — End. Telegr. "Arber"
Fones (DDD 0473) 22-9622 — Telex 0473366 — Blumenau - S. C.



SÍMBOLO DE QUALIDADE HÁ
MAIS DE 40 ANOS

BLUMENAU - SC

LIVROS

EDITORA ALFA-ÔMEGA

Freguesia do Ó — O Inquérito que desmascarou as brigadas de Paulo Maluf.

O livro vem prefaciado por Hélio Bicudo e traz, ricamente ilustrado (não deixando a menor dúvida, portanto) quem são os mafiosos que trabalham para o sr. Salim Maluf... o homem que tenciona manter uma imagem dentro do país, mesmo valendo-se da força e de arbitrariedades. Com este inquérito, cai a máscara e podemos contemplar sem complacência o rosto vil da besta fera. Um bom livro que põe em alta o jornalismo brasileiro.

EDITORA CAMPUS

PREÇOS INDUSTRIAIS — Teoria e Evidência — F. M. Scherer

O livro é uma detalhada exposição dos problemas da determinação de preços por grandes empresas em mercados concentrados, e vem cobrir uma grande lacuna existente na literatura em português sobre o assunto. Trata-se de obra de grande utilidade para qualquer economista que procure entender de determinação dos preços neste estágio de capitalismo monopolista.

INTRODUÇÃO AOS PROBLEMAS URBANOS BRASILEIROS — Josef Barat

Estuda as principais características do atual processo de desenvolvimento urbano brasileiro, cujos grandes problemas são agregados pelo autor em três conjuntos principais: os de financiamento, os de planejamento e os institucionais. O trabalho objetiva integrar teoria, análise e formulações de política na abordagem de temas críticos do atual processo de urbanização brasileira.

PRINCÍPIOS DE SISTEMAS OPERACIONAIS - Célio Cardoso Guimarães

Enfatiza especialmente a organização interna de sistemas operacionais, apresentando material de relevância para sua implementação. Outros assuntos como: revisão de computadores, conceituação e formas de implementação de processos paralelos, gerenciamento de memória e esca-

lonamento de tarefas, sistemas de arquivos, são vistos também, com relevância. Dedicado a profissionais da área que desejam ter uma visão sistematizada dos tópicos expostos.

EDITORA FREITAS BASTOS

A FILOSOFIA DO DIREITO E DO ESTADO E SUAS MAIORES CORRENTES — A. Machado Paupério Livro que vem suprir uma lacuna deixada pelos cursos de 2º grau, qual seja o estudo (embasamento filosófico) e que permite um conhecimento das principais correntes filosóficas no que concerne ao Direito e ao Estado. Definições, conceitos e estruturas.

ÁFRICA — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais — Terezinha de Castro. Com clareza, objetividade de tratamento científico, a autora transmite ao leitor uma imagem perfeita da África. O estilo didático, sem rebuscamentos literários, prende o leitor como um romance, transmitindo-lhe um conhecimento completo, no terreno das relações internacionais, a respeito da África.

A NORMA JURÍDICA — Coordenação de Sérgio Ferraz

A obra, oferece aos que se dedicam ao estudo do direito, uma análise da norma jurídica, conforme o ramo do direito. De certa forma, pode-se dizer que é uma verdadeira Introdução à Ciência Jurídica e, certamente, será útil aos estudantes, advogados e magistrados.

HISTÓRIA DOS FILÓSOFOS ILUSTRADA PELOS TEXTOS — André Vergez e Denis Huisman.

Um livro completo sobre filosofia. Trata em seções bem definidas e de forma didática a filosofia, desde os Gregos Sócrates, Platão e Aristóteles, até a filosofia contemporânea. Cada corrente filosófica, traz os seus principais pensadores e a essência de cada pensamento. Livro interessante para os acadêmicos e professores dos cursos de Filosofia e mesmo, de ciências jurídicas.

EDITORA UNIVERSITÁRIA DE DIREITO

CONCUBINATO — Edgard de Moura Bittencourt

O trabalho é uma síntese atualizada da obra O Concubinato no Direito. Em lugar de uma terceira edição em que seriam repetidos os Estu-

dos de Sociologia Jurídica, de política legislativa e de debates doutrinários, o autor deu preferência ao resumo, revendo muitos pontos e pondo-a em dia com a legislação e a jurisprudência.

JURISPRUDÊNCIA DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL (EMENTÁRIO) — Edson Prata

Volume 1 — Ementário, artigos de 1 a 318. Do Supremo Federal de Recursos, Tribunal Federal, Tribunal Superior do Trabalho, Tribunal de Justiça do Acre, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Sta. Catarina e São Paulo.

Volume 2 — Artigos 319 a 579. Ementário (idem).

Volume 3 — Artigos 580 a 1046. Ementário (idem).

COMPRA E VENDA — Orlando Fida e Edson Ferreira Cardoso.

Dois volumes. Teoria, Prática e Jurisprudência, trata o vol. 1.

Compromisso de compra e venda, glebas de terra, imóvel

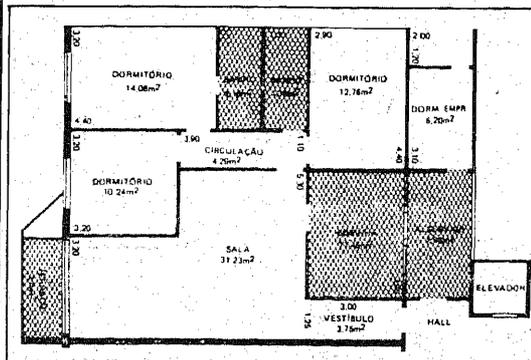
etc. Concessão de venda, concordata, condomínio, contrato, corretagem, demarcação, depósito, desapropriação, falência, inventário, leilão, herança, fraude contra credores, intermediário de negócio, mora, loteamento, penhora, protesto, recurso, registro de imóveis, testamento, usucapião, venda de ascendente a descendente, telefone, etc. São alguns dos itens que trata o volume dois. Obra importante para estudantes, advogados e professores.

EDITORA FORENSE

COMENTÁRIO AO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL — Pontes de Miranda

Tomo IV — 2a. edição. Comenta sistematicamente do artigo 282 ao 443. E aqui, como em todos os outros 16 tomos que completam a obra, o mestre nunca perdeu de vista o sentido histórico das instituições e da técnica legislativa, nem a lição dos processualistas portugueses, ao tempo da formação do direito processual liso-brasileiro e das modificações reiniciais.

APTO. c/ SUITE
(AO LADO DA FURB)



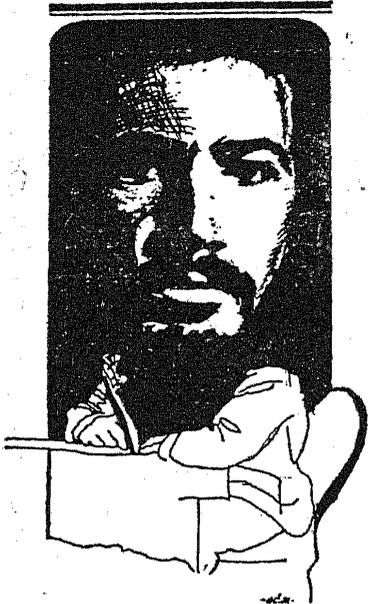
Este apartamento você pode

adquirir, com uma entrada a partir de Cr\$ 463.490,00 facilitados e saldo em suaves prestações

EDIFÍCIO OLAVO BILAC
Blumenau

PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÕES LTDA.
Rua Amadeu da Luz, 156 - BLUMENAU
Tel. (0473) 22-4400

3 animais à procura de uma ideologia



Oldemar Olsen Jr.

Hoje, com a desmedida facilidade com que se pode trocar de partido, evidenciando uma ausência de convicção no homem-político e trazendo com isso muita descrença no homem do povo, eu, cansado de ouvir tantas reclamações contra a permissividade do sistema, antes de opinar sobre o assunto, saí desesperadamente, procurando uma ideologia, junto com outros dois animais, para servir de exemplo.

Comecei pela esquerda (para quebrar alguns tabus) com o SOCIALISMO UTÓPICO — nesse caso, eu imagino que esses animais são duas vacas, me pertencem e vivo feliz; mas, num SOCIALISMO puro eu fico com uma e dou a outra a meu vizinho; no COMUNISMO, eu dou ambas as vacas ao Estado e, talvez eles me devolvam algum derivado do tipo: leite, manteiga, etc.; no MARXISMO, baseado na luta de classe, as vacas ficam desconfiadas de mim; no MATERIALISMO, eu só penso nessas duas vacas; no MATERIALISMO DIALÉTICO, eu só falo em vacas; MATERIALISMO HISTÓRICO, não sei de onde vieram as vacas; MATERIALISMO MECANICISTA, as vacas não progridem; LENINISMO, quando eu não disponho de poder sobre as vacas e nem elas sobre mim; STALINISMO, fundeado no socialismo em um só país, eu só crio vacas; TROTSKISMO,

segundo a teoria da revolução permanente, as vacas vivem escoiceando-se; no MAOÍSMO, as vacas tentam dominar-me; na DITADURA DO PROLETARIADO, eu não posso comprar nenhuma das vacas...

Depois de analisar, exaustivamente, a esquerda (em suas diversas variantes) deduzi, insatisfeito, que precisava procurar mais e parti, esperançoso, para o ocidente.

NO IMPERIALISMO, roubo o touro de alguém e fico com todo o pasto somente para minhas vacas; no FASCISMO o vizinho me mata e fica com as duas vacas; NAZISMO, fico imaginando que as minhas vacas são de raça superior; NACIONALISMO, não existem vacas iguais às minhas; CASTRISMO, quando as vacas tentam se autodeterminar no curral; CAPITALISMO, vendo uma das vacas e compro um touro; LIBERALISMO, quando permito que os vizinhos ordenhem minhas vacas e divido com eles o leite; no CHAUVINISMO, as vacas são minhas e não abro; PRAGMATISMO, as vacas são úteis e isso me satisfaz...

Quando me dei conta, após meticulosa reflexão, surpreendi-me ainda insatisfeito com a procura... tentei negar todas as normas, ditas lógicas, dentro desse ou daquele sistema e parti para o ANARQUISMO, aí o vizinho mata uma das vacas e leva a outra; imaginei uma DITADURA, assim não vendo, não dou e nem empresto as vacas para vizinho nenhum; insisti com uma AUTOCRACIA, e fico sozinho com as vacas sem utilidade prática; o TOTALITARISMO, e todos os vizinhos resolvem o que fazer com as duas vacas; o IDEALISMO, e cheguei a conclusão que precisava de dois touros; uma

DEMOCRACIA, precisávamos ser iguais e deveríamos respeitar a maioria então eu seria outra vaca e pastava junto; MILITARISMO, teria dois touros sem utilidade teórica; UTILITARISMO, teria que matar uma delas para obter a carne e manter a outra fornecendo o leite; o HUMANISMO, deixava as vacas viver em paz sem a minha interferência; o FATALISMO, matava as duas vacas; CASUÍSMO, uma das vacas dá cria e o terceiro morre; CONSTRUTIVISMO, ambas dão cria...

A procura intensa estava capisando, depois de tentar quase tudo, lembrei-me ainda, dos sistemas teológicos, e crendo que pudessem auxiliar, supus: o MISTICISMO, e as vacas seriam sagradas; o ATEÍSMO e não acreditaria mais nas vacas; o CETICISMO, perco as esperanças com as vacas; no CONSERVADORISMO, e as vacas não me rendem nada; no OSTRACISMO, não sei onde elas se escondem; no ALTRUISMO, presenteio os meus vizinhos com as vacas...

Não havia mais remédio e comecei a apelar: o RELATIVISMO, eu poderia morrer antes que as vacas; NEPOTISMO, e as dúvidas ficariam para os meus filhos, no EXISTENCIALISMO, todos existem (vizinhos, eu e as desgraçadas das vacas) sem saber que existimos; SIMBOLISMO, e as vacas serão tabus...

Quando o tempo que me permitia a escolha foi esgotando-se aos poucos, o desespero se apossou de mim, fiz então, outras buscas alucinantes: no CANIBALISMO, teria que comer as duas vacas; o PARLAMENTARISMO, só que faltava ter que monologar com aqueles espécimes; o REFORMISMO, e teria que matar os vizinhos...

Pencei algo mais ortodoxo, mas daí, não poderia dispor de nenhuma das vacas... tentei até uma junta... conseqüente com isso, apenas uma dupla de tração para puxar a carroça; depois, alguém me intimidou; "você tem mais duas tentativas ainda, caso contrário, ficará marcando o passo com estes políticos que estão aguardando uma oferta do tipo empregaticia, para servir, com um empreguinho melhor — estes senhores inescrupulosos"...

Afetado, terrivelmente, em meus brios... pensei logo na "mais valia" de Karl Marx, a mais valia para mim era a menos valia para as vacas... quer dizer, a recíproca também era verdadeira... o que mais valia era eu não precisar daquelas vacas para definir-me ideologicamente, bastava ter uma filosofia convincente e tudo viria por si...

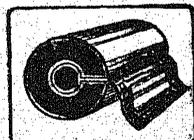
— Só lhe resta uma tentativa ainda...

Tentei argumentar dizendo que não valia, ora, eu só estava pensando... mas o destino foi inflexível comigo:

— Seja realista! Foi uma exclamação que ouvi antes de ser condenado a ser um ZERRO na política...

É isso mesmo, com a condenação, eu me redimia: REALISMO! Estava ali a chave... REALISMO, era isso, na verdade, tudo se resumia no seguinte: Eu não possuía nenhuma daquelas malditas vacas e, o que era pior, o preço da carne estava pela hora da morte!

Depois, já liberto daquelas dúvidas, fiquei imaginando: "É incrível, como um homem e duas vacas, em suma, três animais, podem solucionar qualquer impasse ideológico do tipo político-doutrinário"...



Cine Foto CARLOS

Câmaras - Filmes - Projetores - Revelações a Cores
Fotos p/Documentos, Casamentos Etc...

Rua Curt Hering, 320 — Loja 3 — Caixa Postal, 1467 — Fone 22-4333
Em frente ao Correio — 89100-BLUMENAU — SANTA CATARINA

ADVOCACIA

OSNI LENZI
e
JAIR GIRARDI

Rua Paul Hering - Ed. Itaçu
1º andar
— Ao lado da Habitasul —